



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS – PB

ERDENIA ALVES SANTOS

**RAIMUNDO FEIO NA MÁGICA E MARAVILHOSA TERRA DO
NUNCA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA DO TEXTO
LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

CAJAZEIRAS - PB

2019

ERDENIA ALVES SANTOS

**RAIMUNDO FEIO NA MÁGICA E MARAVILHOSA TERRA DO
NUNCA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA DO TEXTO
LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras-PB, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador(a): Prof.^a Dr. Geranilde Costa e Silva

CAJAZEIRAS - PB
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S237r Santos, Erdenia Alves.

Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II / Erdenia Alves Santos. - Cajazeiras, 2017.

86f. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva.

Mestrado (PROFLETRAS) UFCG/CFP, 2017.

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Ensino fundamental-leitura. 4. Letramento. 5. Intertextualidade. 6. Texto literário. I. Silva, Geranilde Costa e. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

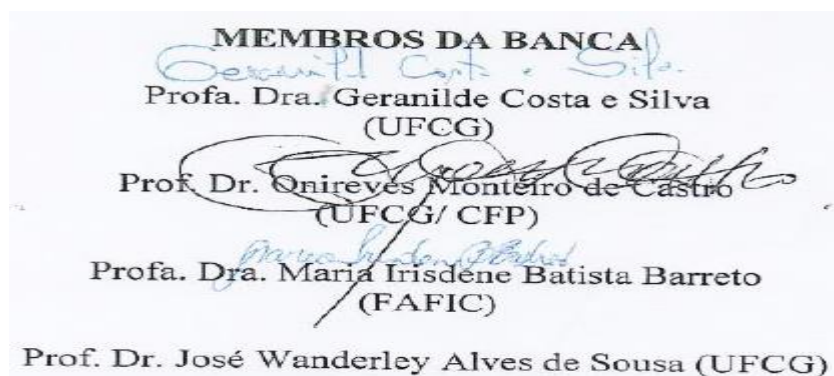
CDU- 028(043.3)

ERDENIA ALVES SANTOS

**RAIMUNDO FEIO NA MÁGICA E MARAVILHOSA TERRA DO
NUNCA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA DO TEXTO
LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, *campus* Cajazeiras, na área de concentração *Linguagens e Letramentos* como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - PROFLETRAS, a nível de mestrado.

Aprovada em: 21 de fevereiro de 2017



CAJAZEIRAS – PB
2019

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por ter me dado a graça da vida e em segundo a todos aqueles que acreditaram em mim e me deram forças para concretizar mais este projeto.

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos...

Aos meu avós, Marina e Severino, por todo o cuidado comigo, pelo incentivo e por acreditarem no meu sucesso.

À minha irmã, Elismenia, por estar sempre ao meu lado me apoiando e incentivando.

À minha mãe Elvanete e ao meu pai Luciano, ao meu irmão Everton, enfim, àqueles que são a inspiração de tudo que há de bom e nobre em mim, minha família.

À professora Geranilde Costa e Silva, que se dispôs à orientação deste trabalho, por todos os esclarecimentos e aos examinadores pelos sentidos acrescentados a este trabalho.

À Aline Monte e Mônica Nóbrega, pela amizade, o conselho, a ajuda e o apoio incansáveis.

Aos meus companheiros de jornada Esdras, Jáder e Tânia, bem como a Eptácio, Maria e Socorro pelas horas de lazer que fizeram com que essa jornada fosse mais instigante.

“Os livros não matam a fome, não suprimem a miséria, não acabam com as desigualdades e com as injustiças do mundo, mas consolam as almas, e fazem-nos sonhar.”

Olavo Bilac

RESUMO

SANTOS, Erdenia Alves. **Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca**: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campus Cajazeiras –, Paraíba: Cajazeiras, 2017.
Orientador: Prof.^a Dr. Geranilde Costa e Silva

Este trabalho desenvolveu-se com o objetivo de investigar a formação leitora dos alunos do 9º ano e, mais especificamente, elaborar um Caderno de Oficina que auxilie os professores do Ensino Fundamental II no trabalho com essa formação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo em turmas do 9º ano da escola pública estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte - CE. O aparato teórico teve como base as contribuições de BAMBERGER (1986), CALVINO (2007), COLOMER (2003), (2007), COSSON (2012) (2014), MORAIS (1996), MANGUEL (1997), MAIA (2007), MARTINS (2000), PINHEIRO (2001), dentre outros. A análise dos dados confirmou a hipótese de que a prática de leitura para a formação de bons leitores não deve se restringir apenas à leitura dos textos disponíveis no livro didático, adaptados e/ou fragmentados, ou àquelas literaturas disponibilizadas e cobradas pelo currículo escolar, mas deve expandir-se para a leitura de textos literários na íntegra, como os da literatura infanto-juvenil e de outros livros que agradem o público em questão. Desse modo, concluiu-se que a elaboração de uma proposta de trabalho com a leitura de forma descontraída e lúdica pode despertar o gosto pela leitura, provocar mudanças humanas fundamentais à formação cidadã e que o papel do professor como mediador nesse processo é de fundamental importância.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Letramento. Professor. Ensino. Intertextualidade.

ABSTRACT

SANTOS, Erdenia Alves. **Raimundo ugly in the magic and wonderful land of never:** a reading mediation proposal of the literary text in Elementary School II. Dissertation (Master's in Letters) - Graduate Program in Letters - PROFLETRAS of the Federal University of Campina Grande - UFCG - Campus Cajazeiras -, Paraíba: Cajazeiras, 2017.
Advisor: Prof. Dr. Geranilde Costa e Silva

This work was developed with the objective of investigating the reading formation of the 9th grade students and, more specifically, elaborating a Workshop Book that will assist elementary school teachers in the work with this training. For that, a field research was carried out in the 9th grade classes of the state public school of Elementary and Middle School Presidente Geisel. The theoretical apparatus was based on the contributions made by BAMBERGER (1986), CALVINO (2007), COLOMER (2003), (2007), COSSON (2012) (2014), MORORES (1996), MANGUEL (1997), MARTINS (2000), PINHEIRO (2001), among others. The analysis of the data confirmed the hypothesis that the practice of reading for the formation of good readers should not be restricted to reading the texts available in the textbook, adapted and / or fragmented, or to those literatures made available and collected by the school curriculum, but Should expand to the reading of literary texts in full, such as those of children's literature and other books that please the public in question. Thus, it was concluded that the preparation of a work proposal with reading in a relaxed and playful way can arouse the taste for reading, bring about fundamental human changes to the citizen's formation and that the role of the teacher as mediator in this process is of fundamental importance.

KEYWORDS: Reading. Literature. Teacher. Teaching. Intertextuality.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2. FORMAÇÃO DO LEITOR EM CONTEXTOS ESCOLARES	15
2.1. Concepções de Leitura.....	15
2.2. O que considerar como letramento literário.....	17
2.3. As práticas de leitura no espaço escolar	19
2.4. O papel do professor na mediação da leitura	23
2.5. O lugar da literatura na formação do leitor	26
3. INTERTEXTUALIDADE: RAIMUNDO FEIO NA MÁGICA E MARAVILHOSA TERRA DO NUNCA.....	28
3.1. Intertextualidade: conceito e definição	28
3.1.1. Diálogo incluso: Ramos, Andersen, Baum, Carroll e Barrie	30
3.1.1.1. A terra dos meninos pelados	37
3.1.1.2. O patinho feio.....	38
3.1.1.3. O mágico de Oz	40
3.1.1.4. Alice no país das maravilhas.....	41
3.1.1.5. Peter Pan	42
4. ABORDAGENS METODOLÓGICAS.....	45
4.1. O projeto Raimundo Feio na Mágica e Maravilhosa Terra do Nunca: apresentação.....	45
4.2. O projeto didático	47
4.3. O programa de intervenção pedagógica	51
4.4. Os sujeitos.....	53
4.5. A ação interventiva: os benefícios da multidisciplinaridade.....	54
4.6. Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados.....	55
4.7. As oficinas: a relativização da prática	59
4.8. Observação dos momentos.....	61
5. O RETORNO DA TERRA DO NUNCA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO APLICÁVEL AO ENSINO FUNDAMENTAL II	63

5.1. Alice no MEU país das maravilhas	64
5.2. Peter Pan: um mundo de meninos perdidos	67
5.3. O mágico de Oz: seguindo o caminho de tijolos amarelos.....	69
5.4. A terra dos meninos pelados: voltando de Tatipirun	72
5.5. O patinho feio: Espelho, Espelho meu, quem sou eu?.....	73
5.6. Contando Estórias e transformando Histórias	74
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS	

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura é essencial para o ser humano, seja na construção do seu conhecimento, na formação de uma consciência crítica, no aprimoramento das competências e habilidades linguísticas ou atuando como agente transformador do indivíduo enquanto ser social. Nos últimos anos, entretanto, têm sido frequentes os questionamentos a respeito do ensino de Literatura em nossas escolas. Pois, este ensino tem sido marcado pela transmissão tradicional, tecnicista e pela supervalorização da historiografia literária em detrimento do ato de ensinar a ler literatura. Esta prática reducionista, diminui o texto literário, tornando-o um mero objeto de ilustração, um objeto decorativo e que, por muitas vezes, acaba por distanciar o aluno da leitura.

Desta forma, é essencial possibilitar o letramento literário e despertar no aluno o prazer pela leitura, aqui isso foi possível através de obras que dialogam entre si e proporcionam, além da construção de um leitor crítico, por meio da exploração dos diversos tipos de contexto, uma incrível viagem por cinco mundos diferentes e um encontro fantástico com personagens que muito têm em comum com o universo adolescente, com suas dúvidas, ânsias e problemas de aceitação.

O projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II* nasce como possibilidade de promover aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, localizada em Juazeiro do Norte - CE, uma (re)descoberta da leitura, desenvolvendo estratégias que os aproximem afetivamente e efetivamente desta.

É importante destacar que ao buscar dados que expliquem a relação dos alunos com a leitura literária, este projeto não se limitou a apenas suprir as carências de aprendizagem, como produção de texto, leitura e ortografia, didatizando o texto literário, tornando-o um (pre)texto para que os alunos, através de uso didático, possam preencher determinadas lacunas da aprendizagem. A proposta é muito mais ambiciosa: busca-se despertar o gosto pela leitura, promovendo uma (re)aproximação dos alunos com esta, que não deixa, obviamente, de ser um instrumento de construção de saberes.

Por isso, literatura deve ser acessível a todos, seja jovem ou adulto, pois,

assim como a cultura de um povo, ela deve ser difundida para se tornar objeto de apreciação e assimilação espontânea de conhecimento. E se esse acesso for proporcionado desde cedo, mais cedo também a leitura adquirirá a devida importância na vida do indivíduo. A literatura é a própria vida do ser retratada em suas mais diversas faces, é o retrato envolvente da vida real, é a redescoberta de várias outras civilizações, de seus costumes, de suas excentricidades, por meio de personagens cativantes, façam eles parte ou não do nosso mundo.

COSSON afirma

Que a literatura faz parte das comunidades humanas desde tempos imemoriais são testemunhos os mitos cosmogônicos. As histórias que relatavam como surgiu o mundo, como nasceu o primeiro homem e como ele recebeu o castigo da morte ofereciam identidade grupal, assinalavam normas comportamentais, garantiam transcendência e, acima de tudo, davam um sentido à vida. Essas múltiplas funções dos mitos e de outros relatos exemplares serviram de base para a expansão da literatura em diversas manifestações, gerando uma pletera de gêneros inicialmente orais, depois escritos como as gestas, as adivinhas, as lendas, as canções, os ditados, as sagas, as anedotas, as epopeias, as tragédias, as comédias, os contos, os provérbios e outros tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes ou depois de ser mundo – o uso que faz essa palavra se tornar literária. (COSSON, 2014, p.11)

No entanto, mesmo a literatura detendo toda essa relevância histórica e cultural, ela não ocupa mais esse patamar na vida das pessoas. Os adultos não leem com a mesma frequência, e até mesmo os professores estão se distanciando dessa leitura literária, refletindo essa postura em seu trabalho e, por consequência, influenciando os alunos que acabam se distanciando ainda mais do mundo da leitura, tornando-se sujeitos não-leitores, castrando qualquer possibilidade de criarem laços afetivos e efetivos com a leitura.

A proposta de trazer os clássicos que remetem ao título desta pesquisa – *A terra dos meninos pelados*, *O patinho feio*, *O mágico de Oz*, *Alice no país das maravilhas* e *Peter Pan* – para a leitura em sala de aula surgiu com a percepção de que histórias como as de Raimundo, junto com a do Patinho feio, de Dorothy, de Peter e de Alice, são histórias do mundo adolescente, personagens que, assim como os nossos jovens, na ânsia de se sentirem aceitos e compreendidos, percebem o mundo em que vivem como se não se sentissem parte dele, sentem-

se estigmatizados, pois residem em ambientes preconceituosos. E no universo adolescente, assim como nas obras trabalhadas, essa realidade de não pertencer a um contexto é muito evidente, o que tornou o trabalho com a leitura das obras bem mais atrativo aos olhos dos alunos.

Esse trabalho compreendeu a realização da leitura de todas essas literaturas, por meio de rodízio e a socialização das mesmas, de forma multidisciplinar, da maneira mais criativa possível. Pretendeu-se analisar a maneira como professores e obras comungam para criar uma atmosfera de leitura atraente, agradável e envolvente, despertando no aluno o interesse em desfrutar o que a vida literária lhe oferece, bem como apresentou meios para que a promoção da leitura se desse de forma lúdica e prazerosa.

O propósito do projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II* é demonstrar que a literatura é uma necessidade porque ajuda a construir a identidade, além de divertir e fazer sonhar. Também procurou expor que os reflexos que a leitura proporciona são uma extensão do próprio ser humano. Para tanto empenhou-se na realização de estratégias que trouxessem um toque de artístico à vida dos educandos, como: *Saraus; Recitais; Banquetes Literários; Piqueniques Literários; Clube Literário; Eu li e recomendo; Quem conta um conto, aumenta um conto...; Meu jeito de contar histórias; Que história essa história conta?; e Uma ponte para além das páginas*, em que o contato do aluno com a leitura dar-se de forma lúdica, para que, antes de conhecer toda a teoria por trás da arte literária, ele seja apresentado ao objeto da leitura, que é o próprio texto literário.

Isso fez-se de extrema necessidade para que o aluno construísse expectativas positivas em relação ao novo universo no qual estava sendo inserido, pois, a partir do momento que ele se permitiu conquistar pelos diversos mundos literários, ele pode caminhar por eles de forma independente, sem o auxílio de um professor que o impunha o trajeto. Essa autonomia, por consequência, levou-os – os alunos – a desenvolver suas habilidades linguísticas, a atribuir novos sentidos aos textos e a própria realidade, bem como tornaram-se agentes propagadores da leitura.

Encontra-se, o presente trabalho, estruturado em seis capítulos,

incluindo estas considerações. O segundo capítulo trata da formação do leitor em textos escolares, além de apresentar diferentes conceitos de leitura sob a perspectiva de autores distintos, assim como aborda as práticas de leitura no espaço escolar, o papel do professor na mediação da literatura e o lugar desta na formação do leitor.

O terceiro aborda o conceito e definição de intertextualidade, a relação existente entre as obras que são objeto de estudo deste trabalho e o diálogo incluso em Ramos (1999), Andersen (2088), Baum (2013), Carroll (2013) e Barrie (2006).

O quarto consta da abordagem metodológica adotada e o referencial que a embasa, apresenta e esclarece o projeto, os sujeitos envolvidos nele, como as ações foram realizadas, como as oficinas foram postas em prática, quais foram os resultados dessas ações e de que forma contribuiriam para a multidisciplinaridade.

O quinto apresenta a proposta de intervenção, um caderno de oficinas em que constam as atividades que foram realizadas durante o projeto e que foram sugeridas como atividades a serem realizadas por professores que desejam desenvolver um trabalho mais dinâmico, interativo, multidisciplinar, e contínuo com a leitura.

E, por fim, segue o capítulo seis, composto das considerações finais, com análises do que será aqui apresentado, as referências bibliográficas que serviram de embasamento para a construção deste trabalho e os anexos, respectivamente.

O Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –, oferecido em rede nacional, favoreceu tanto a realização efetiva desse projeto de leitura como a formação dos alunos em sujeitos da pesquisa que será aqui exposta. Este mestrado trouxe muito mais que um título, trouxe a oportunidade de reconstruir saberes, fortalecer conhecimentos, trouxe mais qualidade a minha experiência em sala de aula.

2. FORMAÇÃO DO LEITOR EM CONTEXTOS ESCOLARES

2.1. Concepções de Leitura

Muito se discute sobre a importância da leitura para a humanidade, como ela pode ser um elo para a tomada de consciência e como sua ausência pode causar consequências para o indivíduo não só no seu desempenho linguístico, mas na sua própria interação com o meio e em seu processo de construção de identidade.

Ao longo dos anos, os estudos sobre leitura tornaram-se mais aprofundados, adquiriram novas perspectivas e novos significados foram-lhe sendo atribuído. Uma expansão de sentido que, como afirma COSSON (2012, p.38), deve-se ao interesse que a mesma desperta em diversas outras áreas: história da leitura, sociologia da leitura, antropologia da leitura, psicologia da leitura, além das outras áreas que se ocupavam do tema, como a pedagogia, a linguística e os estudos da literatura e da linguagem em geral.

Pode-se ressaltar ainda o fato de a leitura ter se tornado uma exigência das disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola, o que muito contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas na área, da mesma forma que promoveu o incentivo da leitura dentro e fora do âmbito escolar, da acadêmica à literária.

A leitura, esse exercício tão necessário à construção do indivíduo, existe desde “o momento que o primeiro escriba arranhou e murmurou as primeiras letras, e que o corpo humano já era capaz de executar os atos de escrever e ler que ainda estavam no futuro” (MANGUEL, 1997, p.50), contudo, só recentemente ampliaram-se os horizontes conceituais que dizem respeito a ela. Hoje, tão importante quanto ler é saber e reconhecer a importância do ato de ler “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (FREIRE, 2001, p. 19)

A leitura da palavra e a leitura de mundo se completam numa espiral contínua que permite ao indivíduo compreender um texto através de sua relação com o contexto e vice-versa, proporcionando a construção da criticidade e um melhor entendimento da realidade. Isso porque, segundo BAMBERGER (1986, p.

9-10), “ler significa igualmente adquirir o direito de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender a progredir [...], pois é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.”

Pode-se constatar que, para esses autores, a leitura não é um simples ato de decodificação de signos linguísticos, ela é essencial à formação do indivíduo, à construção de sua identidade, porque contribui de forma significativa para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e de percepção de mundo, assumindo assim um importante papel histórico e social.

Assim também pensa SILVA (2005, p. 42-43), quando afirma que “a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano.”, isso porque a leitura é capaz de propagar a história da humanidade guardada pela escrita. Negar o direito à leitura é negar ao homem sua própria história, pois, continua SILVA, “ela é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, [...], possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem.”.

Desta forma, pode-se afirmar que a leitura não proporciona apenas o acesso à informação, à cultura, ela permite um maior engajamento social do indivíduo, dando-lhe oportunidade de transformar as relações humanas, porque ler também é “produzir sentidos por meio de um diálogo, [...], é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa que se faz com a experiência dos outros, é criar vínculos, estabelecer laços entre leitor e o mundo e os outros leitores.” (COSSON, 2014, p. 35-36)

Só a leitura é capaz de fazer perceber o outro, mesmo o outro estando tão distante, só ela faz perceber e descobrir quando não se achava ou não se era capaz disso. E não é só por seu valor imensurável na sociedade, não é por que, por ela, pode-se expandir o seu campo de conhecimento, desenvolver suas habilidades linguísticas, promover suas relações sociais, ou transformar-se culturalmente. Não! É porque esta, quando encontra o ser humano, quando o lê, o interpreta, é capaz de desmontar e de reconstruir de tal forma que aquele ser não se reconhece mais. Ela faz sonhar, enxergar e entender o mundo, conhecer outros mundos, a não viver sem um porquê, ela ensina a viver.

2.2. O que considerar como Letramento Literário

No texto *Mídia-Educação no contexto escolar* (2015), o autor Silvio da Costa Pereira aponta que nunca se leu e escreveu tanto como hoje. Mas, sabemos não basta apenas ler e escrever. Mesmo em uma sociedade em que jorram novas tecnologias e onde tudo parece mais atrativo que a leitura, esta se tornou essencial para o indivíduo que integra essa sociedade letrada. Mas o que vem a ser o letramento? Segundo SOARES,

É o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. [...] O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (2014, p. 17)

Visto dessa forma, é indispensável promover o letramento, dar a esses indivíduos a condição necessária para se envolver nas mais variadas práticas sociais de leitura e escrita, prepará-los para os mais diversos contextos socioculturais.

O letramento adequado aumenta o controle das pessoas sobre suas vidas e sua capacidade para lidar racionalmente com decisões, porque as torna capazes de identificar, compreender e agir para transformar relações e práticas sociais em que o poder é desigualmente distribuído. (O'NEIL, *apud* SOARES, 2014, p.78)

É necessário se acostumar, adequar-se e aprender, sobretudo, a lidar com algo novo, ajustar-se a essa profusão exorbitante da tecnologia digital, todos os dias, como que por imposição. Se olharmos apenas para o que ganhamos nesses tempos, tudo é por certo superlativo. No entanto, o que perdemos? De que forma o hábito da leitura vem sendo deturpado nesse processo? Aquele novo já se tornou corriqueiro, cotidiano, normal, não mais nos espantamos. E, dentro desse contexto, como fomentar as práticas de letramento? Este que não pode ser tomado apenas como um simples instrumento operacional que deve ser ativado sempre que houver necessidade, este que é essencialmente um conjunto de práticas sociais

indispensáveis a nossa condição de ser social.

Fica cada vez mais nítida a importância da leitura dentro das práticas de letramento, pois esta é, indubitavelmente, uma ferramenta que proporciona o desenvolvimento de diversas habilidades do indivíduo e propicia a aquisição de diversos saberes, assim como a possibilidade de conhecer a si mesmo.

O pensador, escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês, Barthes, em sua aula inaugural de 1977, afirma que o fascismo não consiste em impedir, mas em obrigar. E temos, por vezes, a tendência de ditar e impor aos nossos alunos, pela própria tradição pedagógica, o que eles devem ou não ler. Essa prática castra a espontaneidade do aluno diante da Literatura e do próprio ato de ler, falhando assim com a promoção do letramento literário, este que,

[...] ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular. Em primeiro lugar, o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON; SOUZA, 2011, p. 102)

É por entender o letramento literário como uma forma de transformar o indivíduo por meio da literatura que se faz necessária, o quanto antes, uma mudança nessa prática antiquada de apresentar a literatura em sala de aula. Outros aspectos também interferem na promoção do letramento literário, letramento este que deve ser tomado não como um momento de leitura superficial e vazio em sala, mas como “um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.” (COSSON, 2014, p. 25).

Outro deles é que, do mundo digital, emergem, todos os dias, indivíduos que perderam, ou nunca tiveram, o domínio de sua língua materna, fato que constata a tamanha deficiência leitora do Brasil. Paralelamente, tem-se bibliotecas escolares funcionando como depósitos de livros e de professores readaptados que não foram capacitados para incentivar a leitura. Arelado a tudo isso, tem-se, ainda, as condições precárias oferecidas para se trabalhar a leitura literária nas escolas.

São salas superlotadas e escassez de livros na biblioteca, e professores que não se envolvem em atividades de incentivo à leitura. Como promover o letramento literário sendo ele uma necessidade tão iminente do ser humano dentro de um contexto tão adverso? O que fazer para tornar nossos alunos indivíduos leitores?

Uma proposta possível seria a ampliação dos horizontes de leitura, não a limitando a simples decodificação de signos, mas tornando-a uma experiência significativa para o aluno, tornando o texto literário o centro da experiência literária e o aluno o protagonista da construção da história pelas leituras e discussões realizadas por eles.

Nesse sentido, o projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II*, propõe uma nova articulação entre leitura e literatura, propiciando ao aluno a possibilidade de viajar, ao lado de Dr. Raimundo Pelado, Alice, Peter Pan, Dorothy e do Patinho Feio, para terras fantásticas e que muito refletem sobre suas vivências de adolescentes muitas vezes rejeitados, incompreendidos e que buscam em mundos imaginários uma forma de enfrentar a realidade.

O professor-leitor, é certo, deve refletir sobre o desenvolver da leitura de algumas Literaturas. Ele deve estar atento à diversidade de textos produzidos contemporaneamente, não tentando subverter e criticar, de maneira pejorativa, a produção literária já canonizada. Assim como também deve preparar estratégias que rompam com os padrões discursivos tradicionais e levar os clássicos para a sala de aula, de forma criativa, inaugurando novos desafios para os leitores acostumados à leitura de obras da Literatura contemporânea, promovendo o tão necessário letramento literário “uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.” (COSSON; SOUZA, 2015, p. 103), assim não deixará de considerar os anseios dos alunos.

2.3. As práticas de leitura no espaço escolar

A formação literária não pode se dar de forma aleatória, ou considerando apenas os critérios do professor. A leitura como é trabalhada em sala de aula é, muitas vezes, tão marcada por práticas mecânicas e técnicas pragmáticas, nas

quais o texto, quase sempre é (pre)texto para a aquisição de um conteúdo gramatical, da própria redação/produção textual ou mesmo para identificar o contexto histórico-literário, que se transforma em objeto de aversão dos alunos. E a Literatura, instrumento de maior atratividade para o leitor, é confundida com a apresentação das características literárias presentes num dado texto e seu período na história, não que esses não sejam dados importantes para a compreensão do que se lê, mas não podem ser dados reducionistas – e que nos perdoem os amantes dessa tendência filosófica – , mas o fato a ser observado na Literatura é sua capacidade transformadora e esse é o primordial da faculdade leitora, não podendo ser simplificado ou diminuído. Não se deve priorizar a abordagem dos pré-requisitos estruturais de um texto, suas características literárias, o conteúdo gramatical que pode ser trabalhado nele em detrimento da leitura efetiva dos textos, correndo o risco de promover a falência da literatura.

Ensinar literatura em um contexto tão adverso como o de hoje requer uma mudança drástica na maneira de transmitir esse conteúdo. O contexto educacional adquiriu novas formas, a escola acaba enfrentando muitas dificuldades até conseguir se adaptar a essas mudanças e, principalmente, à nova realidade dos alunos. Alunos com perfis totalmente diferentes daqueles com os quais a escola estava acostumada a lidar. Agora, prender ou até mesmo chamar a atenção desses alunos para a leitura tornou-se um verdadeiro desafio, um desafio que se torna cada vez mais árduo em concorrência com a internet.

A escola se caracteriza, atualmente, como o ambiente mais propício à formação de leitores. Em virtude disso, as discussões acerca de como trabalhar a leitura literária nesse ambiente devem ser mais aprofundadas, para que possibilitem uma diversidade de gêneros, que atendam a todos os gostos, e para que ocorra, no ambiente escolar, um trabalho mais enfático no que diz respeito a compreensão do texto e à formação do aluno leitor.

Há, no universo escolar, uma enfática preocupação no que diz respeito à leitura e a formação do leitor. Nos últimos anos, em decorrência do advento dos PCN's¹ de Língua Portuguesa, no final da década de 90, têm sido constantes as discussões voltadas para a necessidade da formação de leitores críticos.

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais.

Entretanto, ainda não se percebe que os alunos muitas vezes adquirem seu conhecimento por meio de uma leitura mais extensa em que eles têm a possibilidade de analisar por si mesmos um grande número de informações.

Durante séculos a literatura exerceu um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas e, desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade, que a literatura tivesse representado todas essas funções não significa, no entanto, que os alunos tenham se dedicado a ler obras literárias nas aulas, nem que a literatura lida fosse adequada à sua capacidade e interesse. Basta lembrar que, segundo os redatores do Plano Educativo de 1825, na Espanha, as únicas leituras necessárias na escola primária eram a cartilha, o catecismo e as *Fábulas* de Samariego, e que, um século mais tarde, passou a ser obrigatória uma leitura tão discutível para os destinatários infantis como o *Quixote*. (COLOMER, 2007, p.15)

No entanto, a leitura literária ainda não teve o espaço merecido em sala de aula, prevalecendo muitas vezes a abordagem teórica do que é literatura em detrimento do conhecimento que pode ser assimilado por meio da leitura de seus textos. As consequências de não formarmos alunos leitores é o Brasil, apesar de ter avançado em muitos aspectos, ainda ocupar a 55ª posição no *ranking* de leitura² do PISA³ (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes). Embora muito trabalho já tenha sido desenvolvido em torno da formação do aluno leitor, e reconhecendo que muitos objetivos já foram alcançados, ainda se atesta uma ineficácia da capacidade leitora por parte dos alunos. Instrumentos nacionais de avaliação – o ENEM⁴ (Exame Nacional do Ensino Médio), a Prova Brasil⁵ e a

²Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131203_ocde_educacao_fl> Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

³ O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 8º ano do ensino fundamental na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. O Pisa é coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), havendo uma coordenação nacional em cada país participante. No Brasil, a coordenação do Pisa é responsabilidade do Inep. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/pisa>> Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

⁴ Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>> Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

⁵ É uma avaliação diagnóstica, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Tem o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários

Provinha Brasil⁶ – e também o estrangeiro PISA avaliam ano após ano esse despreparo. O baixo desempenho se deve à ausência do domínio da leitura compreensiva e crítica não desenvolvidas, tampouco incentivadas de forma efetiva.

Não há dúvidas de quanto a leitura é fundamental para o ser humano, individual e coletivamente, “lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.” (LAJOLO, 2001, p.7)

Por isso se torna tão necessário identificar ainda o que falta às aulas de leitura que não proporcionam aos alunos o fascínio necessário para mergulhar no universo da literatura, apontando numa proposta de intervenção eficiente que subsidie o trabalho com o texto literário em sala de aula.

Nesse sentido cabe a indagação: Por que ensinar literatura na escola? As Orientações Curriculares para o Ensino Médio⁷ (2006) apontam uma possível resposta para esse questionamento na qual argumentam:

Imersos nesses tempos, mais do que nunca se faz necessária a pergunta: por que ainda a Literatura no currículo do Ensino Médio se seu estudo não incide diretamente sobre nenhum dos postulados desse mundo hipermoderno? Boa parte da resposta pode ser encontrada talvez no próprio conceito de Literatura tal como o utilizamos até aqui, isto é, em seu sentido mais restrito. Embora se possa considerar, *lato sensu*, tudo o que é escrito como Literatura (ouve-se falar em literatura médica, literatura científica, etc.), para discutir o currículo do ensino médio tomaremos a Literatura em seu *stricto sensu*: como arte que se constrói com palavras. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p.52)

socioeconômicos. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>> Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

⁶ A Provinha Brasil, é uma avaliação diagnóstica que visa investigar as habilidades desenvolvidas pelas crianças matriculadas no 2º ano do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/provinha-brasil>> Acesso em 11 de fevereiro de 2017.

⁷ As Orientações Curriculares para o Ensino Médio foram elaboradas a partir de ampla discussão com as equipes técnicas dos Sistemas Estaduais de Educação, professores e alunos da rede pública e representantes da comunidade acadêmica. O objetivo deste material é contribuir para o diálogo entre professor e escola sobre a prática docente. A qualidade da escola é condição essencial de inclusão e democratização das oportunidades no Brasil, e o desafio de oferecer uma educação básica de qualidade para a inserção do aluno, o desenvolvimento do país e a consolidação da cidadania é tarefa de todos. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/13558-politicas-de-ensino-medio>> Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

Concordando com essa justificativa e acreditando na necessidade de um trabalho com a literatura que desperte a formação de um comportamento crítico diante do mundo, faz-se importante refletir sobre as estratégias utilizadas para abordar o texto literário em sala de aula. Como levar os clássicos para a sala de aula sem romper com a literatura contemporânea, nem deixar de considerar os anseios dos alunos?

Monteiro Lobato, por exemplo, dizia que obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura. E Oscar Wilde certa vez comentou que os acadêmicos e aqueles que se acham donos da literatura muitas vezes empregam os clássicos como o guarda usa seu cassetete – para dar com eles na cabeça dos outros, principalmente dos inovadores que querem sair da linha e se afastar do que se presume ser a legalidade literária. (MACHADO, 2009, p.14)

Ninguém deve ser obrigado a ler nada, agindo dessa forma, o professor que deveria ser o mediador entre leitura e aluno (futuro leitor) só promoverá a aversão deste pela leitura, esta que deve ser para mente como é o alimento para o corpo, essencial.

2.4. O papel do professor na mediação da leitura

O professor, como agente propagador da leitura, deve estar sempre atento às relações entre ensino literário e leitura literária, para que não seja o causador direto da aversão do aluno pelo ato de ler. Mesmo sabendo que os alunos, em grande parte, não despertaram ainda para o hábito da leitura ou não leem prazerosamente, o professor deve ser a o primeiro a amá-la e torná-la uma prática cotidiana para que sua experiência de leitor colabore para uma percepção positiva do aluno quanto ao ato de ler, como afirma COLOMER (2007, p. 44), os alunos necessitam ser encorajados por alguém que lhes ajude de forma continuada para que realizem suas próprias descobertas literárias.

Surgem, então, as problemáticas: Atuam em nossas escolas professores leitores? Partindo da ideia de que existam, há uma formação eficiente no que diz respeito ao modo como os alunos devam ser conquistados para a leitura?

(...) a escola pede aos docentes de língua que cumpram duas funções ao mesmo tempo: uma função de formador em relação ao texto e uma função de mediador em relação aos livros. Por um lado, analisar grandes textos do patrimônio literário, com a consciência de que são de difícil acesso para uma grande parte do novo público do secundário; por outro lado, lutar contra o desinteresse pelos livros e pela leitura em geral. Por um lado, inicia-lo na leitura sábia, que utiliza os métodos tradicionais do comentário do texto, ou às vezes, tenta integrar os instrumentos de análise da nova crítica literária, com o risco de aumentar a distância entre o texto e o leitor adolescente; por outro, motivar a leitura pessoal, dar a conhecer o prazer imediato do texto de ficção, valorizar o livro difundido por outros meios de informação e lazer. (MENESSE Y GRELLET *apud* COLOMER. 2007, p. 40 - 41)

A relevância dessa proposta justifica-se, pois, pela necessidade de discutir, no âmbito escolar, acerca da urgência de nos tornarmos professores-leitores, amantes dos livros, mediadores da leitura em sala de aula. Apenas dessa forma, pode-se suscitar nos alunos o mesmo fascínio e a mesma paixão que se encontra na leitura. Esta que não é um ato reflexo, trata-se de um resultado que requer um trabalho cauteloso, feito diariamente, planejado, avaliado e, sem dúvidas, (re)pensado sempre. Nesse sentido, faz-se quase que obrigatório entender que cantinhos de leitura não constituem o aluno um sujeito leitor, são apenas uma forma de embair e amenizar nossas falhas e deficiências.

Para Bamberger (1986, p. 74 - 75), em seu livro *Como incentivar o hábito de leitura*, afirma que “está claro que a personalidade do professor e particularmente seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças.” Nessa mesma perspectiva, Pinheiro (2007, p. 26) em seu livro *Poesia na sala de aula* aponta algumas ações essenciais para o trabalho com a leitura, dentre eles destaca-se a primeira “(...) que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura, o que não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa.”

Acredita-se piamente nas teorias supracitadas, pois aprendi a ler cedo, não só no sentido da decodificação de signos linguísticos, mas no de chegar em casa e ter um livro com hora marcada em minha agenda. Lembro como se fosse hoje, a professora, Tia na época, levando-nos a primeira visita à biblioteca. Eu estava na 1ª série e lembro de ter achado aquele lugar incrível, nunca tinha visto

tanto livro junto. Desde então meu maior orgulho era preencher a ficha de empréstimos da biblioteca, hoje é poder comprar o livro que eu quero. Muitas das minhas professoras foram responsáveis por fortalecer os laços entre a leitura e eu, através de contação de histórias, de clubes do leitor, até mesmo pelo fato de me emprestarem livros, fazendo-me sentir alguém especial, porque, convenhamos, não se empresta um livro a qualquer um... O fato de ter me apaixonado tão cedo pela leitura e, sendo ela apresentada a mim de maneira tão especial por algumas de minhas professoras, me fez sentir a necessidade de levá-la aos meus alunos, pois sei que, estes, percebendo o interesse dos professores pela leitura, podem também ser motivados e atraídos por ela.

Lembro-me da primeira vez que li *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, autor pelo qual me apaixonei à primeira obra. Livro com o qual fui presenteada pela minha professora Ana Cleide, de Literatura, no segundo ano do Ensino Médio. Foi uma obra responsável por muitas primeiras emoções em mim. Pela primeira vez chorei ao ler uma história, pela primeira vez enxerguei muito mais do que uma simples história, pela primeira vez reli uma obra e pela primeira vez a leitura me deu uma amiga-leitora, minha professora passou a ser minha parceira de leitura e de conversas literárias.

Assim, pode-se afirmar que a formação do aluno leitor acontece, muitas vezes, em virtude da condição leitora do professor, é especial que suas leituras girem em torno da literatura, seja ela nacional ou estrangeira, clássica ou não, posto que a literatura contemporânea é uma das mais atrativas para eles e que pode ser a ponte para o despertar do gosto pela literatura clássica.

É certo, que se faz necessário muito mais que somente professores-leitores, é preciso um investimento na formação destes, para que sob essa nova ótica do ensino da Literatura, transformem-se em professores capazes de fascinar o aluno para o mundo da leitura.

Entretanto, perde-se ou desconhece-se o valor da leitura, mesmo esta tendo se constituído uma fonte inesgotável de saber. Talvez por seus indivíduos não terem se tornado leitores críticos, proficientes, capazes de entender, satisfatoriamente as demandas impostas, a sociedade tornou-se incapaz de atribuir à devida importância ao ato de ler.

É certo que

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escola”, se escolarize, e não pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, que se traduz em ser deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mas compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2001 *apud* COSSON, 2012, p.19).

Todavia, o professor, como agente propagador e incentivador da leitura, deve estar sempre atento às relações entre ensino literário e leitura literária, para que não seja o causador direto da aversão do aluno pelo ato de ler. Mesmo sabendo que os alunos, em grande parte, não despertaram ainda para o hábito da leitura, não leem prazerosamente, não desfrutam da beleza do texto literário.

Buscar formar leitores competentes é de fundamental importância, no entanto, mudanças de atitude e de postura na atuação do professor deverão ser estimuladas. Redefinindo a prática pedagógica, banindo-se o esvaziamento do texto literário, buscando o êxito na atuação, o professor será, acima de tudo, um sujeito leitor, um estimulador do debate, da percepção dos mundos além das páginas, do diálogo entre os universos e personagens de diferentes obras e da realidade nelas refletida. E dessa forma, o fim último do ensino da Literatura, na escola, se alcançará: a conquista alunos-leitores.

2.5. O lugar da literatura na formação do leitor

A literatura é para o homem um de seus bens culturais mais valiosos. Ela contribui para o seu desenvolvimento linguístico, para a aquisição do conhecimento não só literário, mas de diversas áreas, possibilita conhecer melhor a si mesmo e ao outro, desenvolve a criticidade, humaniza e entretém.

A literatura refere-se a tudo. Não pode separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa. Imaginá-la como fenômeno isolado é não

imaginá-la. (CONSTANT, 1995, p. 527 *apud* TODOROV, 2014, p. 60)

Percebe-se, na visão deste autor, que a literatura é necessária não só porque nos traz conhecimento como também pode mudar a própria condição humana, partindo do pressuposto que pode tornar o homem muito mais sensível, empático e compreensivo, contribuindo para formação de sua personalidade. Corrobora CÂNDIDO com ele quando afirma que

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, 1995 *apud* COSSON 2012, p,15)

Isso ocorre porque a literatura agrega saberes sobre o homem e o mundo. A literatura educa não só por ensinar a ler e a escrever, mas porque forma culturalmente o indivíduo. “No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.” (COSSON, 2012, p. 17)

Não é de hoje que se discute a literatura, desde a Grécia Antiga já se fazia isso. No entanto, na esfera escolar, percebemos que embora a Literatura seja importante para a formação humana e faça parte do currículo escolar, as leituras literárias que acontecem em boa parte das escolas públicas de Fundamental e Ensino Médio, no Brasil, ainda ocorrem de forma fragmentada, superficial e mecanicista. Esse é um fato preocupante, já que muitos estudantes do ensino básico brasileiro têm apenas a escola como espaço de acesso a esse bem cultural.

3. INTERTEXTUALIDADE: RAIMUNDO FEIO NA MÁGICA E MARAVILHOSA TERRA DO NUNCA

Este capítulo será esclarecedor para a análise sobre as relações entre as obras aqui apresentadas: *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol; *Peter Pan*, de J.M. Barrie; *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum; *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen e de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos.

Esta análise comparativa pode ser feita entre obra e obra, autor e autor, movimento e movimento, tema ou de uma personagem em várias literaturas. Neste trabalho, analisar a relação entre a caracterização dos personagens e entre as ações que os constroem para, por fim, fazermos uma relação com o perfil adolescente contemporâneo e o quanto nossos jovens podem sentir-se representados, refletidos nas obras trabalhadas é de suma importância para o projeto. Sendo que o intuito aqui é apresentar para o aluno como a literatura pode representar uma extensão do universo deles, fazendo com que os mesmos se sintam cada vez mais pertencentes ao mundo literário.

3.1. Intertextualidade: conceito e definição

Quando fala-se de intertexto fala-se também de literatura comparada, isso implica perceber e reconhecer que quando um texto é lido não se está lendo apenas ele, mas todos os textos que com este entrecruzam de maneira mais perceptível ou não.

A intertextualidade corresponde a uma das áreas de estudo da linguística textual que sob essa perspectiva de análise comparativa entende o texto como um conjunto de textos interagindo entre si. Todo texto é um intercâmbio discursivo, um emaranhado de outros textos que existiram ou existirão, isto significa que um texto pode interagir com um ou mais textos.

Foi a partir do conceito de dialogismo difundido por Bakhtin que a crítica literária francesa Julia Kristeva (1974, p. 64) propôs o de intertextualidade. Segundo a autora, “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de

intersubjetividade, instala-se de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.”, *apud* MACIEL, 2017.

A intertextualidade é um fenômeno que pode manifestar-se de diferentes maneiras, nessa perspectiva o diálogo intertextual não precisa acontecer necessariamente entre textos de um mesmo gênero, as relações podem ser feitas entre obra e obra, autor e autor, movimento e movimento ou estudo de um tema ou personagens de várias literaturas que é o que será analisado neste trabalho.

A intertextualidade temática é encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica; entre matérias de jornais ou da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana, entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopeias, ou mesmo entre textos literários de gênero e estilo diferentes (temas que se retomam ao longo do tempo), [...]; entre diversos contos de fadas tradicionais e lendas que fazem parte do folclore de várias culturas, [...]; histórias em quadrinhos de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; o livro e o filme ou novela que o encenam; várias encenações de uma mesma peça de teatro; as novas versões de um filme, e assim por diante. (KOCH, 2012, p. 18-19)

É, portanto, na perspectiva da intertextualidade temática que serão aqui analisadas as obras que compõem este trabalho. Obras que pertencem a gêneros diferentes (conto e romance), que foram escritas por autores diferentes e em épocas distintas, portanto movimentos literários diferentes, e, que, no entanto, comungam tanto na caracterização dos personagens quanto na temática abordada na história. Isso mostra como

A retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária. Citação, alusão, referência, pastiche, paródia, plágio, colagens de todas as espécies, as práticas de intertextualidade repertoriam facilmente e se deixam descrever. Oferecem um conteúdo objetivo à noção sem, no entanto, eliminar desta última sua imprecisão teórica. (SAMOYAUULT, 2008, p. 9-10)

Aqui analisaremos a intertextualidade temática entre as obras *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen, *Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum e *Peter Pan*, de J. M. Barrie, como uma retomada aleatória, não intencional, por parte dos autores, mas que nos apresenta um diálogo harmonioso sobre personagens adolescentes que não se sentem dentro dos padrões impostos pela sociedade e que, por isso, sentem-se impulsionados a procurarem em outro lugar, real ou imaginário, um refúgio onde se sintam aceitos.

3.1.1. Diálogo incluso: Ramos, Andersen, Baum, Carroll e Barrie

O intertexto é, entre muitas possibilidades, uma forma de aproximar obras literárias. Aqui apresentaremos como se aproximam as obras *A terra dos meninos pelados*, *O patinho feio*, *Alice no país das Maravilhas*, *O mágico de Oz* e *Peter Pan*, mesmo estas tendo sido escritas em épocas diferentes e por autores diferentes.

São obras que nos revelam as ânsias de personagens adolescentes aflitos por não se sentirem aceitos no lugar em que vivem e que, por isso, buscam refúgio em lugares distantes.

Em *O patinho feio*, o personagem é obrigado a sair do seio familiar por ser perseguido pelos outros animais que viviam na fazenda, “envergonhar” a mãe e ser desprezado por todos.

Nos dias que se seguiram, as coisas pioraram. Todos os bichos, inclusive os patinhos, perseguiam a criaturinha feia. A pata, que no princípio defendia aquela sua estranha cria, agora também sentia vergonha e não queria tê-lo em sua companhia.

O pobre patinho crescia só, malcuidado e desprezado. Sofria. As galinhas o bicavam a todo instante, os perus o perseguiam com ar ameaçador e até a empregada, que diariamente levava comida aos bichos, só pensava em enxotá-lo.

Um dia, desesperado, o patinho feio fugiu. Queria ficar longe de todos que o perseguiam. Caminhou, caminhou e chegou perto de um grande brejo, onde viviam alguns marrecos. Foi recebido com indiferença: ninguém ligou para ele. Mas não foi maltratado nem ridicularizado; para ele, que até agora só sofrera, isso já era o suficiente. (ANDERSEN. 2008. In: *O patinho feio*)

Em *Alice no país das Maravilhas*, a personagem, já sonolenta, cansada das atividades monótonas e rotineiras realizadas na companhia da irmã, depara-se com uma nova realidade.

Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada ao lado da irmã no barranco e não ter nada que fazer: uma ou duas vezes espiara o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos.

“E para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?” Assim, meditava com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor daquele dia era tal que ela se sentia sonolenta e entorpecida) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de levantar-se e colher as margaridas, quando de repente um coelho branco com olhos rosados passou correndo perto dela.

Não havia nada de tão notável nisso; nem Alice achou tão estranho ouvir o Coelho murmurar para si mesmo, “Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Estou muito atrasado!” (Quando pensou nisso, bem mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter estranhado; porém, naquele momento, tudo lhe pareceu perfeitamente natural).

Mas quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, deu uma olhada nele e acelerou o passo, Alice ergueu-se, porque lhe passou pela cabeça que nunca em sua vida tinha visto um coelho de colete e muito menos com relógio dentro do bolso.

Então, ardendo de curiosidade, ela correu atrás dele campo afora, chegando justamente a tempo de vê-lo sumir numa grande toca sob a cerca.

No instante seguinte, Alice entrou na toca atrás dele, sem ao menos pensar em como é que iria sair dali depois. (CARROLL, 2013, P.13)

Em *O mágico de Oz*, Dorothy, uma criança vivendo entre adultos, num lugar sem vida e sem cores, pois tudo lá é cinza e empoeirado, é levada por forças fantásticas para um lugar repleto de cores, um lugar que refletia tudo aquilo que ela aspirava.

DOROTHY VIVIA NO MEIO das grandes pradarias do Kansas, com seu tio Henry, que cuidava de uma fazenda, e a tia Em, mulher dele. A casa em que eles moravam era pequena, porque a madeira para a sua construção precisava ser trazida de carroça desde muito longe. [...]

Quando Dorothy chegava à porta de casa e olhava em volta, só via a pradaria cinzenta de todos os lados. Nenhuma árvore ou casa interrompia a paisagem totalmente plana que, em todas as direções, se estendia até onde a vista alcança. O sol tinha transformado a terra cultivada numa extensão sempre igual, toda cortada por rachaduras. Nem mesmo a relva era verde, porque o sol queimou as pontas das folhas e elas ficaram da mesma cor

cinza que se via em toda parte. A casa antes era pintada, mas o sol tinha descascado a tinta e as chuvas tinham lavado o que sobrou, e agora a casa era tão cinzenta e sem cor como todo o resto.

[...]

De muito longe, ao norte, ouviram um gemido prolongado do vento, e tanto tio Henry como Dorothy viram que daqueles lados o capim alto se abaixava em ondas diante da tempestade que se aproximava. Em seguida ouviram um assobio agudo no ar, vindo do sul, e quando viraram os olhos nessa direção viram que o capim, naquele lado, também formava ondas.

[...]

A casa rodopiou duas ou três vezes e começou a levantar voo devagar. Dorothy teve a sensação de que subia no ar a bordo de um balão.

Os ventos do sul e do norte se encontraram no ponto exato onde ficava a casa, precisamente no centro do ciclone. No meio do ciclone, o olho do furacão, o ar geralmente quase não se move, mas a pressão imensa que o vento criava em toda a volta fez a casa subir cada vez mais, até chegar ao ponto mais alto do ciclone; e bem no alto ela continuou enquanto era carregada para cada vez mais longe, por muitos e muitos quilômetros, como uma pena planando no ar.

Escureceu muito e o vento soprava com sons horríveis à volta dela, mas Dorothy descobriu que viajava até com um certo conforto. Depois dos primeiros rodopios, e de um outro momento em que a casa sacudiu com força, sentiu-se embalada, como um bebê no seu berço.

[...]

Horas e horas se passaram, e aos poucos Dorothy foi perdendo o medo; mas sentia uma grande solidão, e o vento uivava com tanta força à sua volta que quase ficou surda. Num primeiro momento, ela se perguntou se a casa iria se espedaçar quando tornasse a cair no chão; mas, com o passar das horas, como nada de terrível acontecia, parou de se preocupar e resolveu esperar com toda a calma para ver o que o futuro iria lhe trazer. Finalmente, arrastou-se pelo chão até a sua cama e deitou nela; Totó foi atrás e se estendeu ao seu lado. Apesar do balanço da casa e do barulho do vento, em pouco tempo Dorothy fechou os olhos e adormeceu profundamente.

[...]

DOROTHY FOI ACORDADA por um choque, tão repentino e forte que, se não estivesse deitada na cama macia, poderia ter se machucado. Deitada, só levou um susto e se perguntou o que teria acontecido; Totó encostou o narizinho frio no rosto dela e ganiu com a maior tristeza. Dorothy sentou-se na cama e percebeu que a casa não se mexia mais; e nem estava mais escuro, porque a luz do sol entrava pela janela e inundava o cômodo único da casinha. A menina pulou da cama e, com Totó seguindo de perto, correu para abrir a porta.

Deu um gritinho de espanto e correu os olhos ao redor, olhos que se arregalavam cada vez mais com as coisas incríveis que contemplavam.

O ciclone tinha depositado a casa com grande delicadeza – na medida em que um ciclone pode ser delicado – no meio de um

campo de uma beleza extraordinária. Havia lindos trechos de relvado verde à toda volta, com árvores imponentes carregadas de frutos coloridos e saborosos. Tufos de flores cresciam de todo lado, e aves de plumagem rara e brilhante cantavam e agitavam as asas nos ramos de árvores e arbustos. Um pouco mais adiante ficava um riacho, que corria e cintilava entre margens verdes, murmurando com uma voz que soava muito grata para uma menina que tinha vivido tanto tempo nas pradarias secas e cinzentas. (BAUM, 2013, p. 9-12)

Em *A terra dos meninos pelados* não é diferente. Raimundo, sentindo-se um estranho no lugar em que morava, por ser diferente das outras crianças, também acaba viajando para um lugar no qual ele se identifica com quase todos os habitantes, Tatipirun.

Havia um menino diferente dos outros meninos. Tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam:

— Ó pelado!

Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão, nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim tinham levado os cabelos dele. Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura.

Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando.

Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul.

[...]

Um dia em que ele preparava, com areia molhada, a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças, ouviu os gritos dos meninos escondidos por detrás das árvores e sentiu um baque no coração.

— Quem raspou a cabeça dele? perguntou o moleque do tabuleiro.

— Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara? berrou o italianinho da esquina.

— Era melhor que me deixassem quieto, disse Raimundo baixinho. Encolheu-se e fechou o olho direito. Em seguida, foi fechando o olho esquerdo, não enxergou mais a rua. As vozes dos moleques desapareceram, só se ouvia a cantiga das cigarras. Afinal as cigarras se calaram.

Raimundo levantou-se, entrou em casa, atravessou o quintal e ganhou o morro. Aí começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun, coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto. Sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirun ficava ali perto de casa. Foi andando na ladeira, mas não precisava subir: enquanto caminhava, o monte ia baixando, baixando,

aplanava-se como uma folha de papel. E o caminho, cheio de curvas, estirava-se como uma linha. Depois que ele passava, a ladeira tornava a empinar-se e a estrada se enchia de voltas novamente. (RAMOS, 1999, p. 4-5)

Em *Peter Pan*, o personagem central, o próprio Peter, é o responsável por libertar crianças que vivem num mundo que desacredita da fantasia e levá-las à Terra do Nunca, um lugar onde tudo pode acontecer, as crianças são sempre crianças, onde existem sereias, fadas, piratas, onde se podia voar.

[...]

“Segunda à direita e sempre em frente até o dia amanhecer”: foi assim que Peter havia explicado a Wendy o caminho para a Terra do Nunca. Mas nem mesmo os pássaros, se possuísem mapas e os consultassem nas esquinas do vento, conseguiriam chegar lá com essas instruções. Peter, como você já percebeu, costumava falar qualquer coisa que lhe passasse pela cabeça. A princípio seus companheiros confiavam nele cegamente, e estavam tão encantados com o vôo que perderam tempo rodeando torres de igreja ou qualquer outro objeto alto que aparecesse no caminho. João e Miguel apostavam corrida, o caçula na dianteira. Eles lembraram com desprezo que pouco tempo antes haviam se achado geniais só porque tinham conseguido voar pelo quarto. (BARRIE, 2006, p. 34)

Essas histórias trazem personagens que estão dormindo e seus sonhos refletem os desejos mais profundos, a satisfação de suas necessidades: ser aceito, ir para um mundo onde tudo pode acontecer segundo suas expectativas, ou libertar-se da monotonia, da vida sem graça ou das preocupações. Não significa, é claro, que a passagem por esses novos lugares se dê de maneira tranquila, muito pelo contrário.

O patinho feio depara-se com todo tipo de situação adversa, enfrenta as mais cruéis condições climáticas, é enxotado, passa por necessidades até que, enfim, encontra seu lugar ao sol.

Finalmente, a primavera derrotou o inverno. Lá no alto, voavam muitas aves. Um dia, observando-as, o patinho sentiu um inexplicável e incontrolável desejo de voar. Abriu as asas, que tinham ficado grandes e robustas, e pairou no ar. Voou. Voou. Voou longamente, até que avistou um imenso jardim repleto de flores e de árvores; do meio das árvores saíram três aves brancas. O patinho reconheceu as lindas aves que já vira antes, e se sentiu invadir por uma emoção estranha, como se fosse um grande amor

por elas.

— Quero me aproximar dessas esplêndidas criaturas — murmurou.

— Talvez me humilhem e me matem a bicadas, mas não importa. É melhor morrer perto delas do que continuar vivendo atormentado por todos.

Com um leve toque das asas, abaixou-se até o pequeno lago e pousou tranquilamente na água. (ANDERSEN. 2008. In: *O patinho feio*)

Já Dorothy, Alice e os personagens de *Peter Pan* começam uma caminhada tranquila, fazem amigos, mas inimigos também, vilões que a todo momento estão interferindo em sua jornada, colocando-as em perigo, testando sua determinação e coragem até que despertam para a realidade. Da mesma forma Dr. Raimundo Pelado, como se condicionou a assinar, acaba percebendo que em Tatipirun tudo era “perfeito demais”, tudo sempre se adequava às necessidades dos moradores do lugar. Esses personagens assumem, além do fato de serem adolescentes num mundo cheio de questionamentos e diferenças, a condição de procurar no seu próprio imaginário um refúgio para resolver seus problemas. Mas acabam percebendo que precisavam voltar à realidade para poder mudá-la.

Em seguida Dorothy pegou Totó solenemente no colo e depois de um último adeus, bateu três vezes os calcanhares os seus sapatos, dizendo:

— Me levem para a casa, para a tia Em!

NO MESMO INSTANTE ela rodopiava pelo ar, tão depressa que só ouvia ou sentia o sopro do vento nos seus ouvidos.

Os Sapatos de Prata só precisaram de três passos, e então ela parou tão bruscamente que rolou na relva várias vezes antes de descobrir onde estava.

Mas depois de algum tempo ela sentou e olhou à toda volta.

— Minha nossa! – disse a menina.

Pois estava sentada na pradaria do Kansas, e bem à frente dela estava a casa nova que o tio Henry tinha construído depois que o ciclone levou embora a antiga. Tio Henry estava ordenhando as vacas no celeiro, e Totó pulou do colo dela e saiu correndo naquela direção, latindo na maior felicidade.

Dorothy se levantou e descobriu que estava só de meias – os Sapatos de Prata tinham caído durante o voo pelo ar, e se perderam para sempre no deserto. (BAUM. 2013, p. 110-111)

— Quem se importa com vocês? _ disparou Alice (que já tinha voltado ao normal). _ Vocês não passam de cartas de baralho!

Ouvindo isso, o baralho todo se levantou no ar e veio voando para cima dela. Alice soltou um gritinho, meio de medo e meio de raiva, e tentou se defender, dando tapinhas nas cartas. Mas descobriu

que estava deitada perto da margem do rio, com a cabeça no colo da irmã, que carinhosamente tirava algumas folhas secas que tinham voado das árvores e caído no rosto dela.

— Acorde, Alice querida! _ solicitou sua irmã. _ Puxa, como você dormiu pesado!

— Nossa, tive um sonho tão esquisito! _ contou Alice e relatou a sua irmã tudo o que conseguia lembrar sobre essas aventuras estranhas.

E quando ela terminou, sua irmã lhe deu um beijo e observou:

— Foi mesmo um sonho muito interessante, querida. Mas, agora, vá correndo tomar o seu chá, que já está ficando tarde. (CARROLL. 2013, p. 129-131)

Atravessou o rio com um passo. As crianças peladas foram encontrá-lo.

Caminharam algum tempo e chegaram à serra de Taquaritu. Aí Raimundo se despediu:

— Adeus, meus amigos.

[...]

Vou ensinar o caminho aos outros, falarei em tudo isto, na serra de Taquaritu, no rio das Sete Cabeças, nas laranjeiras, nos troncos, nas rãs, nos pardais e na guariba velha, pobrezinha, que não se lembra das coisas e fica repetindo um pedaço de história. Quero bem a vocês. Vou ensinar o caminho de Tatipirun aos meninos da minha terra, mas talvez eu mesmo me perca e não acerte mais o caminho.

[...]

Raimundo começou a descer a serra de Taquaritu. A ladeira se aplanava. E quando ele passava, tornava a inclinar-se. Caminhou muito, olhou para trás e não enxergou os meninos que tinham ficado lá em cima. Ia tão distraído, com tanta pena, que não viu a laranjeira no meio da estrada. A laranjeira se afastou, deixou a passagem livre e guardou silêncio para não interromper os pensamentos dele.

Agora Raimundo estava no morro conhecido, perto de casa. Foi-se chegando, muito devagar. Atravessou o quintal, atravessou o jardim e pisou na calçada.

As cigarras chiavam entre as folhas das árvores. E as crianças que embirravam com ele brincavam na rua. (RAMOS.1999, p. 76-79)

Naquela inesquecível quinta-feira da semana seguinte a sra. Darling estava no quarto dos filhos, esperando o marido chegar. Sua tristeza estampava-se nos olhos. Agora que a observamos com atenção e lembramos que sua alegria de antigamente desapareceu com a perda de seus pimpolhos, acho que não serei capaz de dizer nada de desagradável a seu respeito. A coitada não tem culpa de amar tanto aqueles pestinhas. Olhe só para ela: pegou no sono, sentada naquela poltrona. O canto da boca, a primeira coisa que a gente vê em seu rosto, praticamente murchou. A mão se agita sem descanso sobre o peito, como se o coração estivesse doendo. Há quem goste mais de Peter e quem goste mais de Wendy; eu gosto mais da sra. Darling. E se, para deixá-la feliz,

cochichássemos em seu sono que os pirralhos estão voltando? Agora mesmo eles se encontram a três quilômetros da janela e vêm voando bem depressa, mas tudo que precisamos lhe dizer é que estão para chegar. Vamos lá.

Foi uma pena ter dito isso, pois ela acordou, assustada, chamando pelos filhos, mas não há ninguém no quarto, a não ser Naná.

[...]

Assim, Wendy, João e Miguel acabaram encontrando a janela aberta, o que evidentemente era mais do que mereciam. Pousaram no chão, nem um pouco envergonhados do que tinham feito, e o caçula demonstrou que já havia se esquecido de sua própria casa. (BARRIE, p. 231-236)

O diálogo entre essas obras é evidente, os personagens assumem quase as mesmas características, são todos adolescentes, sentem-se deslocados onde vivem, procuram solucionar o problema, partem para uma jornada desconhecida, enfrentam dificuldades, fazem amizades que os ajudarão em sua caminhada (exceto o patinho feio), percebem que, mesmo criando um mundo imaginário melhor, ele não será perfeito e retornam para a realidade, porém mais amadurecidos.

3.1.1.1. A terra dos meninos pelados

Graciliano Ramos, escritor brasileiro, nascido em Alagoas e crescido no sertão pernambucano é considerado o melhor ficcionista do Modernismo e o prosador mais importante da segunda fase dessa escola literária. Suas obras, embora tratem de problemas sociais do Nordeste brasileiro, apresentam uma visão crítica das relações humanas, que as tornam de interesse universal.

A terra dos meninos pelados, uma de suas obras mais relevantes, terminada nos últimos anos da década de 1930 e que recebeu o Prêmio de Literatura Infantil, concedido pelo Ministério da Educação, em 1937, apresenta aquela visão das relações humanas de forma tão elementar que é caracterizada como uma obra escrita para crianças.

O livro conta a história de Raimundo, que não tendo com quem entender-se, por ser considerado diferente, pois tinha a cabeça pelada, o olho direito preto e o esquerdo azul, cria um mundo imaginário. Raimundo era um menino especial, bondoso e inteligente, era, por fora, diferente dos de sua idade. Vivia isolado, falava

sozinho e os outros acreditavam que ele estava malucando.

Raimundo, na verdade, conversava sozinho e desenhava na calçada, coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não existia o preconceito, onde as pessoas não tem cabelo e possuem um olho preto outro azul. Lugar onde ele aceito.

O autor, através da história de “Raimundo Pelado”, amplia as possibilidades de representação do mundo da criança. Levando-a para um lugar sem preconceito e onde as diferenças são aceitas.

Com esta obra podem ser abordados em sala de aula temas que vão além do conhecimento literário. Aqui mostra o quão importante é desenvolver com os alunos projetos multidisciplinares, pois a análise desse romance não se limita ao conhecimento do enredo e do que ele nos oferece em suas linhas. O mergulho deve ser mais profundo para chegarmos ao que nos oferece as entrelinhas, fragmentos da história política do Brasil, da época da ditadura, contada de forma camuflada em uma história de cunho infanto-infantil. “Mas é que no mundo da literatura, as coisas são sempre assim, funcionam como numa rede, vão se ligando e interconectando, dando origem a outras, voltando, saindo lateralmente. É sem fim...” (MACHADO, 2009, p. 63 - 64).

Em uma obra como essa, até a vida do autor é fonte para entendimento da mesma, partindo da ideia de que a cultura vivenciada por ele perpassa pela sua obra seja implícita ou explicitamente, intencionalmente ou não. Em *A terra dos meninos pelados* não temos apenas a história de um menino rejeitado pelo meio e que busca refúgio em um lugar imaginário, mas a vida do autor, refletida de forma implícita, revelando-nos um país que vivenciava um momento de censura à liberdade de expressão, obrigando muitas vezes os autores, assim como o personagem da romance, a buscar subterfúgios para disseminar seus anseios.

3.1.1.2. O patinho feio

Hans Christian Andersen, autor dinamarquês que ficou famoso pelas histórias infantis baseadas em contos populares, viveu em uma época em que eram raros os livros voltados para aquele público. Entre 1835 até 1872, Andersen escreveu 152 histórias, entre contos infantis, romances adultos, livros de poesia e relatos de viagem. Em suas histórias, sempre buscou transmitir um padrão

de comportamento, no qual o desprotegido deveria ser ajudado e onde todos homens deveriam ter direitos iguais. Andersen morreu no dia 4 de agosto de 1875, em Copenhague e deixou um legado importante para a literatura infanto-juvenil. O dia do seu nascimento, 2 de abril, foi destinado a ser o Dia internacional do Livro infanto-juvenil.

O patinho feio é, indubitavelmente, uma das histórias mais conhecidas do autor. Descreve a desventura de um cisne que nasce no meio de uma ninhada de patinhos. A mãe pata havia escolhido um lugar para fazer seu ninho. Um cantinho bem protegido, no meio da folhagem, perto do rio que contornava o velho castelo. Mais adiante estendiam-se o bosque e um lindo jardim florido. Após a longa espera, os ovos começaram a se abrir um após o outro, e das cascas rompidas surgiram, engraçadinhos, miúdos e patinhos amarelinhos que, imediatamente, saltaram do ninho. Menos um. Um ovo, entretanto, não se abriu, carecendo da ajuda da mãe pata para ser rompido.

Daquele ovo grande, surge uma criatura diferente e um pouco desajeitada de penas cinzentas, grande e sem graça, com ar abobalhado. Aquele ser estranho que, a princípio, era defendido pela mãe pata dos outros animais o que hostilizavam, depois de certo tempo também lhe causava vergonha e não o mais queria em sua companhia. O pobre “patinho” crescia só, malcuidado e desprezado. E sofria.

Rejeitado por todos, um dia, desesperado, o “patinho” feio fugiu. Queria ficar longe de todos que o perseguiam. Caminhou, caminhou... Em sua empreitada, para fugir do sofrimento e encontrar a felicidade, enfrentou caçadores, o inverno, fugiu da curiosidade das crianças, até encontrar-se com um bando de grandes e lindíssimas aves. Tinham as plumas alvas, as asas grandes e um longo pescoço, delicado e sinuoso: eram cisnes. Deslumbrado com aqueles serem lindíssimos, e resignado, foi ao encontro daquelas criaturas, esperando a rejeição e, possivelmente, a morte, inclinou a cabeça para baixo, e ao fazer isso, ver-se refletido no lago. O que via não era a criatura desengonçada, cinzenta e sem graça de outrora. Enxergava as penas brancas, as grandes asas e um pescoço longo e sinuoso. Ele era um cisne! Um cisne, como as aves que tanto admirava.

O patinho feio agora encontrara a felicidade. E não estava sonhando...

Vê-se um conto aparentemente simples, uma historinha para criança

dormir, mas que de inocente não tem nada. Retrata o preconceito sofrido por aqueles que, por algum motivo, são diferentes. Que muitas vezes sofrem rejeição inclusive no ambiente familiar e que buscam se isolar para diminuir o sofrimento pela inaceitação. Uma história atemporal, porque desde sempre o diferente foi e é estigmatizado. Trabalhar *O patinho feio* em sala de aula, é dar espaço para os alunos entenderem que nem todos são iguais, e que nem por isso merecem ser rejeitados, o respeito às diferenças é a base para a construção de uma sociedade mais justa, na qual ninguém precise se isolar por não ser igual, um lugar em que o diferente tem sua atratividade do mesmo jeito que o belo pode não ser.

3.1.1.3. O mágico de Oz

Lyman Frank Baum, escritor norte-americano, nasceu em 1856, no estado de Nova York, em Chittenango. Ao longo de 63 anos, tentou diversas carreiras – dramaturgo, repórter, vendedor, empresário, ator. –, mas obteve grande sucesso, com a publicação de *O Mágico de Oz*, em 1900, história dedicada ao público infantil. Este impressionante livro é um conto de fadas, sério e delicioso.

O livro conta a história de uma pequena órfã, que traz a sinceridade como característica notável; ela e seu cãozinho, são levados, por um ciclone, até a mágica terra de Oz. Num lugar onde tudo é possível, Dorothy e Totó, encontram, à medida que avançam pelo caminho das pedras amarelas, um Espantalho falante, um Homem de lata e um Leão covarde. Juntos seguem até o grande e magnífico Mágico de Oz, que lhes concederá a realização de seus desejos mais profundos.

Até chegar ao grande Oz, os agora amigos, vivem grandes aventuras entre flores mortíferas, no campo das papoulas, encontram macacos alados e bruxas boas e más.

Por traz das estranhas aventuras vividas no mundo fantástico de Oz, existe um nível intencional de significado. Dorothy, a menininha pura que guia todos pelo caminho do bem. O espantalho que mesmo não tendo cérebro, tira sempre as conclusões mais inteligentes. O leão, que não é corajoso, mas enfrentaria o mundo por quem ama. O homem de lata, que se mostra emocional, apesar de não ter coração. Totó, que está feliz apenas por ter sua Dorothy. Oz, um trapaceiro, mas visto como grande líder, mesmo passando a vida a se esconder atrás de uma

máscara de bondade... Todos juntos, cada um com sua peculiaridade, completam-se: cérebro, coragem e coração, se lhe faltar algo, que lhe sobre a amizade...

Numa sociedade tão individualista como esta em que vivemos é essencial mostrar aos alunos que não é ganho nenhum trabalhar ou viver sozinho. Como diria João Cabral de Melo Neto, em seu poema Tecendo o amanhã, “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos.”

A leitura de *O mágico de Oz* possibilita apresentar aos alunos a importância do trabalho em equipe, assim como também a importância do respeito às diferenças e a valorização das habilidades de cada indivíduo por mais simples que estas sejam. Na história, Dorothy só realiza seu objetivo porque, assim como usa suas habilidades para ajudar seus amigos a conseguirem o que desejam, conta com a ajuda dos mesmos para voltar para casa. Os alunos acabam entendendo que têm um objetivo em comum, a apresentação final da obra, e que para que ela aconteça eles precisam trabalhar juntos, usando o que cada um pode oferecer de melhor.

3.1.1.4. Alice no país das maravilhas

Lewis Carroll, pseudônimo para Charles Lutwidge Dodgson, nasceu em 27 de janeiro de 1832 em Daresbury, Inglaterra, e morreu em Guildford, também na Inglaterra, a 14 de janeiro de 1898. Adentrou para a história da literatura mundial por através de *Alice no País das Maravilhas*, “o mais estranho e fascinante livro para crianças jamais escrito”, um livro, supostamente escrito para o público infantil, mas que oculta questionamentos lógicos e semânticos, até mesmo problemas psicológicos de identidade metaforizados em aventuras fantásticas capazes de produzir, em adultos, indagações existenciais.

Filho de um pastor anglicano, Lewis Carroll tinha dez irmãos e cresceu num ambiente onde aprendeu a contar histórias e cuidar e distrair crianças. Ambiente perfeito para construir e moldar as habilidades do que viria a ser um exímio contador de histórias. Religioso, professor, pesquisador sério, Lewis Carroll escreveu, ainda, vários livros, entre poemas, ensaios científicos, textos técnicos e de ficção juvenil.

Sua obra-prima, objeto de fascínio para os leitores, é fruto de uma história que narrou a Alice Liddle, filha de um amigo, e que se tornaria a heroína de suas obras de maior repercussão, *Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*. O primeiro, por sugestão do escritor Henry Kingsley, foi publicado em 1865 sem ser especificado se era para adultos ou crianças. Foi um sucesso fulminante. Em 1871, publicou a sequência, que seria *Alice no País do Espelho*.

O livro, *Alice no país das maravilhas*, narra as aventuras de uma menina que, ao seguir um coelho branco, cai em um buraco que a leva a um lugar onde ela viverá uma realidade complexa e enigmática, um lugar onde trilhará um caminho fantástico e que viverá situações que mais parecem sonhos. Nesta obra, o autor metaforizou a realidade das coisas e pessoas de sua época. Ele constrói a trajetória da heroína repleta de fantasias e ludicidades, sugerindo questionamentos e propondo reflexões aos seus leitores, estes de todas as idades. Seus personagens absurdamente elaborados refletem o próprio ser humano, mas para compreendê-los é necessário acreditar que o sonho é muito mais que um sonho, é um desdobramento da nossa própria realidade.

Neste livro o que não falta é assunto para discutir, seja a ansiedade de crescer e procurar nosso lugar no mundo, seja a coragem de explorar o mundo independente das adversidades que nos podem encontrar, a inversão da lógica no enredo dá a oportunidade de questionarmos o porquê das coisas. O sonho vivido por Alice nos permite discutir até que ponto vale a pena fugir da realidade. Um dos muitos encontros de Alice com o gato risonho nos permite questionar que caminho se quer trilhar, se é que possível saber para onde está indo.

Nascida de uma história contada para crianças, esta obra é cheia de fatos reflexos da realidade de nossos jovens e que, muitas vezes, por não terem quem lhes direcionem na vida, acabam seguindo para um “país das maravilhas” distante de pais e de amigos, e do qual, muitas vezes, não há volta.

3.1.1.5. Peter Pan

J. M. Barrie, célebre autor britânico conhecido por ter escrito a história do menino que não queria crescer, *Peter Pan*, nasceu na Escócia em 1860 na cidade Kirriemuir.

Tendo a literatura sempre presente em sua vida, pois sua mãe costumava ler para todos os filhos histórias de marinheiros e mundos fantásticos, ele se tornou um leitor voraz e se aproximou especialmente das obras dramáticas e teatrais. Ao se tornar adulto, decidiu estudar literatura na Universidade de Edinburgh, onde começou a escrever resenhas de livros e peças teatrais.

A primeira aparição do personagem Peter Pan foi na obra *The Little White Bird*, de 1902. Entretanto, apenas dois anos depois o livro do Peter Pan com Wendy e seus irmãos seria publicado, obra que, provavelmente, muito foi influenciada pelas próprias vivências do autor. A história foi transformada em peças teatrais, musicais e posteriormente a Disney lançou o filme “Peter Pan”, em 1953.

A trama se passa na Inglaterra, inicialmente na casa dos Darling onde somos apresentados a toda a família, que é composta pelos Sr. e Sra. Darling e seus três filhos: Wendy, João e Miguel. Na história o Sr. Darling, com sua personalidade irritante, é completamente ofuscado por sua esposa, a Sra. Darling, uma mulher encantadora, uma mãe atenciosa, cuidadosa e dedicada aos filhos.

Todas as noites ela conta histórias para as crianças e, aparentemente, Peter gosta muito das histórias da Sra. Darling, vindo, discretamente, sempre para ouvi-las. Em um certo dia, por acidente, sua sombra fica presa dentro da casa, e por isso ele se vê forçado a entrar e prendê-la novamente. Nisso, ele acaba despertando as crianças e fazendo amizade com as mesmas.

Um dia, aproveitando-se de um momento em que os pais delas se ausentam, Peter Pan leva seus novos amigos Wendy, João e Miguel para conhecer o lugar em que vive, a Terra do Nunca, um lugar onde o tempo não passa e onde Wendy se tornaria a “mãe” dos meninos perdidos, crianças que também habitam a Terra do Nunca. Lá, vivem uma sucessão de aventuras como encontrar um navio pirata e ter que enfrentar o temível Capitão Gancho, conhecer a aldeia dos índios, a lagoa das sereias e fazer amizade com os meninos perdidos.

Peter Pan, uma das obras preferidas dos alunos, paradoxal e polêmica, nos permite falar não só da necessidade de crescer no que se refere à maturidade, já que fisicamente é impossível não o fazer, como também do abandono e da

rejeição sofrida pelos meninos perdidos, sem família e o principal, sem mãe. Do desejo de parar o tempo e vivenciar sempre os bons momentos, de não ter preocupações, porque tudo “Na Terra do Nunca” é sempre uma brincadeira, quando não, uma aventura.

4. ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Neste capítulo apresenta-se a descrição dos procedimentos metodológicos que foram adotados para a realização da pesquisa acerca da formação do leitor no 9º ano do Ensino Fundamental da Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel da cidade de Juazeiro do Norte Ceará, bem como, a análise dos dados obtidos, expondo as conclusões embasadas na fundamentação teórica apresentada.

4.1. O projeto Raimundo Feio na Mágica e Maravilhosa Terra do Nunca: apresentação

A literatura deve ser acessível a todos, seja jovem ou adulto, pois, assim como a cultura de um povo, ela deve ser difundida para se tornar objeto de apreciação e assimilação espontânea de conhecimento. E se esse acesso for proporcionado desde cedo, mais cedo também a leitura adquirirá a devida importância na vida do indivíduo.

A literatura é a própria vida do ser retratada em suas mais diversas faces, é o retrato envolvente da vida real, é a redescoberta de várias outras civilizações, de seus costumes, de suas excentricidades, por meio de personagens cativantes, façam eles parte ou não do nosso mundo. E por que não falar de mundos? No plural, sim, mundos (re)criados, (re)descobertos, (com)partilhados que podem não apenas ser um mecanismo de entretenimento, mas uma ponte que levará o leitor a desenvolver a capacidade de refletir e pensar criticamente.

É nesse sentido que o projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II*, fundamentando-se na pesquisa e leitura bibliográfica de autores como: BAMBERGER (1986), CALVINO (2007), COLOMER (2003), (2007), COSSON (2012) (2014), MORAIS (1996), MANGUEL (1997), MAIA (2007), MARTINS (2000), PINHEIRO (2001), (2007), em minhas experiências com leitura enquanto discente e docente e em enquetes realizadas com os alunos sobre leitura, suas preferências literárias, onde leem, quanto tempo disponibilizam para isso, o

que buscam em um livro, quem são seus autores favoritos, suas obras preferidas, livros que já leram, para que assim possamos conhecer melhor o perfil desse leitor contemporâneo que, ao contrário do que muitos professores dizem, leem e leem muito, nasce como possibilidade de promover aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, uma (re)descoberta da leitura, desenvolvendo estratégias que os aproximem afetivamente e efetivamente desta.

Isto porque entende-se que

[...] a leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas também ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político. (MAIA, 2007, p.29)

O projeto idealizou, no período de um ano, realizar a leitura e a socialização das obras: *Alice no país das Maravilhas*, *A terra dos meninos pelados*, *O mágico de Oz*, *O patinho feio* e *Peter Pan*, promovendo a inserção de alunos e de professores no universo literário, por meio de rodas de leituras, apresentações no pátio da escola na hora do intervalo, propagandas literárias feitas por professores, paródias sobre as obras, retratos falados dos personagens, entrevistas encenadas, inspeção literária e outros momentos promovidos pelos próprios alunos no intuito de tornar a escola um ambiente de contato diário com a leitura, mostrando ainda que muitas obras literárias, mesmo independentes, dialogam entre si, assim como essas histórias podem atravessar as páginas do livro e dialogar com o universo do próprio indivíduo/leitor e tornar-se um reflexo de suas vivências.

É importante destacar que ao buscar dados que expliquem a relação dos alunos com a leitura literária, não nos limitamos, a apenas suprir as carências de aprendizagem, como produção de texto, leitura e ortografia, didatizando o texto literário, tornando-o um (pre)texto para que os alunos, através de uso didático, possam preencher determinadas lacunas da aprendizagem. A proposta é muito mais ambiciosa: busca-se despertar o gosto pela leitura, promovendo uma (re)aproximação dos alunos com esta, que não deixa, obviamente, de ser um instrumento de construção de saberes.

A proposta de trazer os clássicos que remetem ao título desta pesquisa

– *A terra dos meninos pelados*, *O patinho feio*, *O mágico de Oz*, *Alice no país das maravilhas* e *Peter Pan* – para a leitura em sala de aula surgiu com a percepção de que histórias como as de Raimundo, junto com a do Patinho feio, de Dorothy, de Peter e de Alice, aquecem nossos corações, ao mesmo tempo em que nos ajudam a perceber o mundo com outro olhar. Todos esses personagens são jovens, na ânsia de serem aceitos, vivem como se não se sentissem parte daquele mundo, são estigmatizados em ambientes preconceituosos. E, no universo adolescente, essa realidade de não pertencer a um contexto é muito evidente.

4.2. O projeto didático

O projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II* visou a realização da leitura de todas as literaturas as quais sua nomenclatura remete, por meio de um cronograma, bem como a socialização por meio de oficinas e apresentação das histórias através de diferentes estratégias que foram propostas pelos próprios alunos que se tornaram protagonistas do projeto. Esta prática serviu de requisito tanto para as aulas de Literatura, desenvolvendo a criticidade, como para as aulas de Formação Cidadã, que consistem em uma forma de moldar os alunos para que sejam éticos e ajam de forma moral, e nas de Artes, nas quais foi inegável o desenvolvimento da criatividade dos alunos durante a realização do projeto.

No início do ano letivo foi elaborado um cronograma de leitura que atendesse ao número de alunos e de aulas que teríamos para o acompanhamento do trabalho. A leitura das obras foi realizada por bimestre, e ficou assim disposta:

- ✓ 1º BIMESTRE: Leitura de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol
- ✓ 2º BIMESTRE: Leitura de *Peter Pan*, de J.M. Barrie
- ✓ 3º BIMESTRE: Leitura de *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum
- ✓ 4º BIMESTRE: Leitura de *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen e de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos

Para suprir a deficiência da biblioteca da escola, que não dispunha de

algumas obras necessárias à realização do projeto. Os alunos recorreram, pois, a estratégias diversas, tais como:

- ✓ Promoção de bingos e rifas para aquisição dos livros paradidáticos para a turma;
- ✓ Empréstimos de livros entre os colegas da sua ou de outra sala;
- ✓ Empréstimos de livros com professores, com a Biblioteca do Centro cultural do Banco do Nordeste, com a biblioteca pública do município de Juazeiro do Norte, que também se apresentou muito escassa, e a biblioteca do SESC;
- ✓ Obtenção da obra por meio de xérox;
- ✓ Realização da leitura por meio de *e-books*.

Metade da turma lia a obra durante a primeira quinzena do mês e os demais na segunda. Após a disponibilização de um mês para a realização da leitura da obra e o acompanhamento desta pela professora, os alunos tinham mais um mês para socializar para a escola o resultado dessa leitura. Eles o fizeram por meio de:

- ✓ Apresentações de *Alice no país das Maravilhas*

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: Foi feita, pelos próprios alunos, uma reprodução dos enredos lidos por meio de HQ's gigantes para facilitarem sua contação da histórias bem como tornaram o enredo mais compreensível para o público;

TEATRO: Os alunos encenaram o enredo trabalhado, às vezes de forma humorística, outras de maneira tradicional;

FILME MUDO: Aqui os alunos do projeto de leitura produziram um pequeno curta apresentando o enredo trabalhado, porém seguindo os padrões de um clássico filme mudo;

- ✓ Apresentações de *Peter Pan*

TEATRO DE SOMBRAS: Neste tipo de apresentação os alunos também apresentaram as obras teatralizando-as, mas por meio de sombras. Nestas apresentações eles não envolveram abordagens humorísticas;

ANÁLISES FILOSÓFICAS: Nessa apresentação, uma das mais simples, porém mais instigantes, os alunos se propuseram a contar o enredo trabalhado fazendo a

abordagem filosófica do mesmo, o que possibilitou um momento de interação com o público que tinha muitos questionamentos sobre a obra;

- ✓ Apresentações de *O mágico de Oz*

MUSEU VIVO: Nessa forma de apresentação, os alunos separaram um narrador para contar a história da obra trabalhada enquanto dava vida aos personagens que, caracterizados, agiam de acordo com sua narrativa;

MUSICAL: Nesse tipo de apresentação, uma das mais complexas para produzir, os alunos se dividiram em grupos – cenário, música, atores, figurino, produção, apoio – e contaram a obra através de música e atuação;

- ✓ Apresentações de *A terra dos meninos pelados*

FICHAS ILUSTRADAS: Cada ficha ilustrada, produzida pelos alunos leitores que sabiam desenhar, representava uma ação, um momento enfático de um capítulo da obra, e para cada capítulo havia uma ficha. Nessa forma de contação, os alunos contavam com a participação do público que deveria criar previamente a história sugerida pelas fichas que, em seguida, seria apresentada coerentemente pelos leitores participantes do projeto;

RADIONOVELA: Aqui os alunos se propuseram a trabalhar com o imaginário do público, despertando os sentidos dos ouvintes por meio de uma narrativa que apostou em uma riqueza sonora encantadora;

- ✓ Apresentação de *O Patinho Feio*

FANTOCHES: Os alunos usaram fantoches para reproduzir o enredo da vez.

O acompanhamento da leitura foi realizado nas aulas destinadas ao projeto e no início das demais aulas de Língua Portuguesa. Foram utilizados alguns jogos para averiguar se os alunos estavam efetivamente realizando a leitura. Esses jogos eram:

- ✓ Cruzadinhas com nomes de personagens, locais ou ações importantes do enredo;
- ✓ Jogo da memória sobre os acontecimentos relacionados aos personagens;
- ✓ Dominó literário para relacionar fatos a personagens ou a ambientes da obra;
- ✓ Setonildo Sábio, uma seta mágica que dava o poder de contar três minutos

da história a quem estivesse com ele.

Os alunos desenvolveram as próprias estratégias para acompanhar a leitura de todos e a sala ganhar o Troféu Leitores de Ouro:

- ✓ Inspeção literária, um aluno “Detetive Literário”, jogava pistas falsas ou verdadeiras sobre a continuidade da obra e os alunos suspeitos de não estarem lendo o livro deveriam seguir as pistas certas com a ajuda de uma testemunha;
- ✓ Paródias interrompidas sobre as obras – interrompidas para que não fosse descoberto logo o final do enredo antes que todos terminassem a leitura;
- ✓ Jogo do Cara a Cara para descobrir personagens e o que faziam;
- ✓ Histórias em quadrinhos de capítulos mais extensos.

Semanalmente, em uma das seis aulas de Língua Portuguesa, trabalhava-se apenas a leitura do paradidático da vez. Em obras mais extensas, como *Alice no país das maravilhas*, os alunos se reuniam em pequenos grupos, devido à escassez da obra, para realizarem a leitura de diferentes capítulos e, em seguida, socializavam com a turma, da maneira mais lúdica que o improvisado permitia. Em outras, realizava-se a leitura oral e continuada, ou a leitura encenada, montava-se quebra-cabeças da história, o sentido do texto era construído coletivamente. Das cinco aulas seguintes, contava-se, a cada quinze dias, com a presença de um professor convidado, fosse de Literatura para discutir e compartilhar com a turma as suas experiências literárias, fosse de matemática para explicar os enigmas numéricos presentes em *Alice no país das maravilhas*, fosse de Filosofia para discutir *O mágico de Oz* ou *Peter Pan*, ou de História para mergulhar nas ricas entrelinhas de *A terra dos meninos pelados* e desvendar os diversos tipos de contexto abordados na obra.

No contra turno, organizou-se o Cine Literatura onde assistiu-se aos filmes e animações das obras e discutiu-se a respeito as diferentes perspectivas que uma mesma história poderia nos apresentar, sobre as formas de recriar o texto, as semelhanças e diferenças. O que a visão de quem produziu o filme dizia de diferente daquilo que o autor da obra conta? O que podia-se dizer do texto, do filme, da relação entre eles? Como identificar-se com as obras? Como elas se relacionavam com as identidades de cada um ali? (Teriam coragem de seguir o

caminho de tijolos amarelos? Onde fica o país das maravilhas de cada um? Era-se patinho feio? Um menino perdido? Voltar-se-ia de Tatipirum?...). Discutia-se o poder da leitura, da literatura, o que faz desses livros tão atrativos e por que é possível se ver tão facilmente refletidos neles.

Procurava-se despertar nos alunos, com esses debates, a percepção de que a literatura é uma necessidade porque ajuda a construir a identidade, ensina a viver, diverte e faz sonhar, provoca reflexões, denuncia a realidade, reflete o mundo e reflete o homem, questiona-o, dá-lhe respostas, lê-lo. E reflete-se isso, nas palavras que se usa, nos gestos, nas atitudes, no próprio corpo. Um dos propósitos do *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II* é mostrar ao mundo adolescente que

[...] corpo funciona de uma maneira especial. Todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa. E constituímos o mundo basicamente por meio de palavras. No princípio e sempre é o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem. Como bem diz o pensamento popular, se uma imagem vale por mil palavras, mesmo assim é preciso usar a língua para traduzir as imagens e afirmar esse valor. É por isso também que as usamos para dizer que não temos palavras para expressar um pensamento ou um sentimento. Em síntese, nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo. (COSSON, 2012, p. 16-17)

Os reflexos que a leitura, neste ínterim, proporciona são uma extensão do próprio ser humano, desse ser mosaico de outros seres, seres encontrados nas diversas leituras que fazemos ao longo da vida, pois a leitura é o mais completo exercício deste corpo que transborda linguagem.

4.3. O programa de intervenção pedagógica

A ideia do projeto surgiu em 2015, a partir da necessidade de apresentar uma proposta de intervenção que suprisse reais carências dos alunos em sala de

aula no que se refere à leitura, interpretação e produção de texto. Decidiu-se optar por uma proposta que envolvesse leitura por acreditar que esta é capaz de transformar o indivíduo não só intelectualmente, mas como pessoa. O que se precisava era descobrir o tipo de leitura que os alunos participantes da pesquisa realizavam e como se poderia introduzir outros estilos de obras, inclusive clássicas, entre suas escolhas.

O trabalho foi elaborado em 2015 e aconteceu em 2016 promoveu estratégias como Saraus, Banquetes Literários, dinâmicas de leitura que aconteciam sempre no intervalo de leitura de uma obra para outra e também em intervalos menores, procurando favorecer o gosto pela leitura e visando a formação de leitores críticos, conscientes e independentes, considerando diferentes contextos educacionais de uma sociedade que pouco contribui para a formação de sujeitos leitores.

Iniciou-se com o processo de investigação do gosto literário dos alunos, através de coleta de dados tanto em 2015 como em 2016. No primeiro momento, foi realizado com os alunos um Piquenique Literário no qual cada um deles apresentava a obra de sua preferência. E no segundo, uma enquete literária por necessitar de informações mais concretas e específicas para compor os dados que serão parte do alicerce deste trabalho.

Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II trabalha estratégias como:

- ✓ Saraus (Um momento comemorativo envolvendo apresentações literárias individuais e coletivas, apresentações musicais, análises literárias);
- ✓ Recitais (Momento de audição de composições literárias dos alunos fundamentadas nas obras trabalhadas. Esse momento era sempre acompanhado por música);
- ✓ Banquetes Literários (Momentos de promoção e incentivo da leitura de uma **única obra literária** acompanhada da degustação de petiscos);
- ✓ Piqueniques Literários (Momentos de promoção e incentivo da leitura de várias obras literárias menores – em extensão – mas que mantivessem relação com a obra principal trabalhada, acompanhada da degustação de petiscos);
- ✓ Clube Literário (Grupos de leitura independentes organizados pelos próprios

alunos para aprofundar a leitura das obras, estes grupos procuravam acompanhar a leitura dos colegas por meio de joguinhos literários);

- ✓ Eu li e recomendo (Os alunos realizavam a leitura de blocos das obras e produziam propagandas apresentando o porquê das obras merecerem ser lidas);
- ✓ Quem conta um conto, aumenta um conto... (Os alunos eram designados pelas comissões de leitura – os alunos dos clubes literários - a contarem a história deixando sempre uma informação a mais que deveria ser completada pelo leitor seguinte que deveria fazer o mesmo e assim sucessivamente);
- ✓ Meu jeito de contar histórias (Os alunos contavam suas partes do enredo dando a ela um toque particular, original – fosse cantando, desenhando, escrevendo, brincando);
- ✓ Que história essa história conta? (Os alunos faziam, além de contar o enredo, uma análise interpretativa das entrelinhas do texto);
- ✓ Uma ponte para além das páginas (Os alunos, quando contavam a história, faziam um paralelo desta com a realidade fosse a sua ou algo mais genérico. Isso mostrava a eles o quanto a literatura faz parte da nossa vida).

O contato do aluno com a leitura deu-se sempre de forma lúdica, para que, antes de conhecer toda a teoria por trás da arte literária, ele estivesse apresentado ao objeto da leitura, o texto.

Essa estratégia foi extremamente necessária para que o aluno construísse expectativas positivas em relação ao novo universo no qual seria iniciado, pois, a partir do momento que ele se permite conquistar pelos diversos mundos literários, ele vai poder caminhar por eles de forma independente, sem o auxílio de um professor *muleta*. Essa autonomia, por consequência, irá levá-lo a desenvolver suas habilidades linguísticas, a atribuir novos sentidos aos textos e a própria realidade, bem como tornar-se ainda um agente propagador da leitura.

4.4. Os sujeitos

A presente pesquisa teve como seu objeto de estudo o 9º ano do Ensino Fundamental da Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará. Pertencente à 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 19), a escola possui atualmente 1100

alunos distribuídos em turmas de nono ano do Ensino Fundamental à terceira série do Ensino Médio, funcionando nos turnos matutino e vespertino e, mesmo sendo uma instituição pública de ensino, atende a alunos de diferentes classes econômicas.

Há 40 anos muito bem-conceituada na região do Cariri, a escola oferece aos alunos um aprendizado que vai além do currículo acadêmico, promovendo projetos que formam o aluno para a vida, trabalhando o respeito às diferenças, desenvolvendo projetos sociais e, claro, sensibilizando-os para a leitura. Os alunos foram selecionados de acordo com os pré-requisitos do programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, em que o professor deve apresentar uma proposta de intervenção que possa ser aplicada ao Ensino Fundamental.

Escolhi o nono ano, primeiro porque é a única série de Ensino Fundamental ofertada na escola em que trabalho, segundo porque é uma série de transição para os alunos e pretendia dar continuidade ao projeto até o terceiro ano do Ensino Médio, por acreditar que todo trabalho deve ser contínuo, e com a leitura principalmente, assim este trabalho não deve se limitar a apenas uma série.

O projeto de leitura apresentado neste trabalho não se limita, como já disse, às séries do fundamental II, é muito mais ambicioso, continuando nas séries do Ensino Médio, promovendo a leitura entre os alunos e tornando-os agentes propagadores desta entre os alunos que irão adentrar em nosso universo escolar e não só neste ambiente, também pode e deve ser levado além dos portões da escola, como sugeriram alguns alunos que participaram e pretendem levá-lo a lugares como orfanatos, asilos, hospitais infantis.

4.5. A ação interventiva: os benefícios da multidisciplinaridade

Pensando na atual realidade dos alunos, este projeto propõe ações que estimulem o gosto pelo mundo da leitura, promovendo a aquisição de laços afetivos e efetivos com o universo do texto literário. As atividades foram e serão desenvolvidas continuamente ano após ano, não se limitando apenas à leitura das obras em questão, mas envolvendo todo um trabalho que vai buscar em outras disciplinas como Arte, Formação Cidadã e História os subsídios necessários para mostrar que a leitura não pode nem deve ser trabalhada apenas em Língua

Portuguesa.

Por isso o trabalho contou com a participação significativa de um professor de História e Filosofia, um de Sociologia, dois de Matemática, um de Biologia, duas professoras de Língua Portuguesa e Arte, além de mim. Esses professores não participavam apenas das aulas para as quais eram convidados, alguns ainda dedicavam um tempo de suas próprias aulas para comentarem com os alunos sobre as obras ou até mesmo dar sugestões de livros e textos, mostrando como a leitura é abrangente.

Isso também mostrou que a leitura não é um hábito ou prazer restrito aos professores de linguagens, aproximou alunos e professores, melhorou as discussões sobre as obras, visto que os professores de outras disciplinas puderam agregar a esses momentos os conhecimentos de suas respectivas áreas. Com isso, os alunos também puderam constatar que muitas obras, como é o caso de *A terra dos meninos pelados*, traz muito mais do que um simples enredo sobre um menino que sofre preconceitos, mas que pode trazer através das entrelinhas uma história de luta e conscientização política, histórica e social.

Esse projeto abriu espaço também para que os alunos pudessem recorrer não só aos professores de Literatura, ampliando as possibilidades de indicações e a diversidade de escolhas e de acompanhamento de suas leituras.

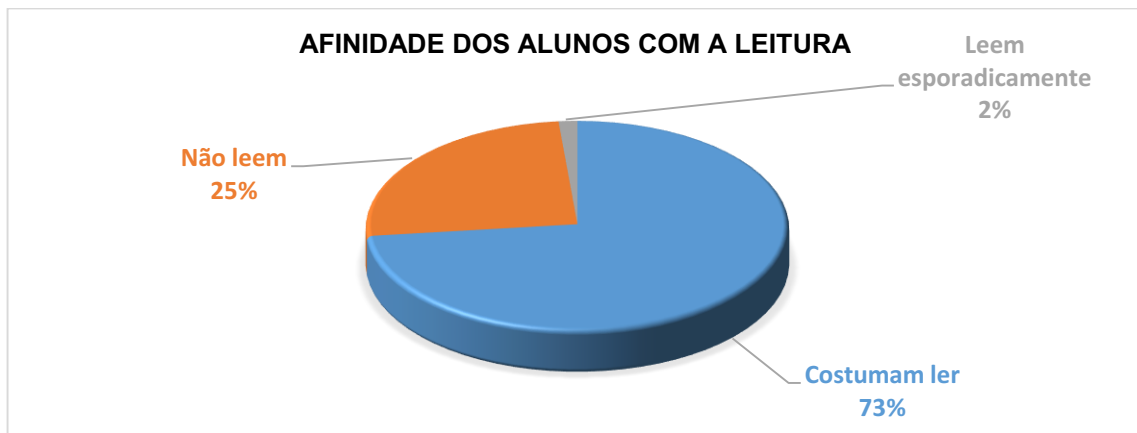
4.6. Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados

A fim de conhecer melhor o novo perfil literário dos alunos do 9º ano, foi realizada, em fevereiro de 2016, uma pesquisa com 37 deles na Escola de Ensino Fundamental e Médio Presidente Geisel, da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

Em relação à pesquisa de campo, os gráficos abaixo representam uma visão geral acerca das indagações presentes no questionário (Anexo I).

Em linhas gerais, 73% dos alunos que responderam a esse questionário apontaram que gostam de ler, enquanto 25% não gostam e 2% leem apenas esporadicamente. Isso mostra o quão estamos distantes da realidade quando afirmamos que nossos alunos não gostam de ler, eles leem, o que precisamos, na verdade, é saber qual é a literatura que os encanta para que possamos utilizá-la como alicerce para construção de uma ligação efetiva também com a literatura

clássica e a sugerida em de sala de aula.



Quanto aos motivos que os levam a ler, pode-se observar que 62% dos alunos leem por prazer, 27% para aumentar os conhecimentos e apenas 11% deles leem por obrigação. Durante o projeto pode-se observar que alguns desses que diziam ler por obrigação foram motivados a ler por prazer, mostrando como as vivências partilhadas durante o ano contribuíram para o surgimento de novos leitores.



No que diz respeito aos ambientes selecionados por eles como propícios à leitura estão suas casas, com 70% das escolhas, enquanto 16% apontam outros ambientes e apenas 14% indicam a escola como um ambiente no qual se pode ler.



Cabem aqui algumas reflexões:

- ✓ Como estamos trabalhando a leitura na sala de aula para que os alunos acreditem que não estão lendo na escola ou que esta não seja um local em que se possa ler?
- ✓ E não se pode ler em que sentido?
- ✓ Estamos fazendo da escola um lugar propício à leitura?
- ✓ Como podemos transformá-la – a escola – de um lugar onde se vai por obrigação em um ambiente atrativo para o aluno, um lugar em que ele possa não só aprender o conteúdo que compõe currículo, mas em um ambiente agradável a uma prática, apontadas por muitos, como prazerosa, que é a prática da leitura?

Muitos alunos, inclusive, estão em processo de formação da própria biblioteca. Para muitos, o prazer da leitura envolve a posse dos livros, porque tê-los é poder desfrutá-los no momento que desejarem. Dos alunos que leem, 95% costumam adquirir os livros de suas leituras.



As obras apreciadas são bastante diversificadas, vão de Histórias em quadrinhos (HQ's) a romances de Dostoiévski. Entre os alunos leitores, constata-se que 46% leem romances (clássicos nacionais ou estrangeiros, sagas, policiais, ...), 12% optam pela leitura de contos, 12% preferem HQ's, 6% gostam de poesia, enquanto 24% preferem outro tipo de leitura (crônicas, livros de autoajuda, Bíblia, ...). Visto a diversidade de obras apontadas nas enquetes, pode-se diagnosticar que a dificuldade de fazê-los ler só aparece realmente quando se trata da literatura exigida no currículo o que nos leva a crer que não são necessariamente as obras em si, mas a maneira como são trazidas / impostas a eles.

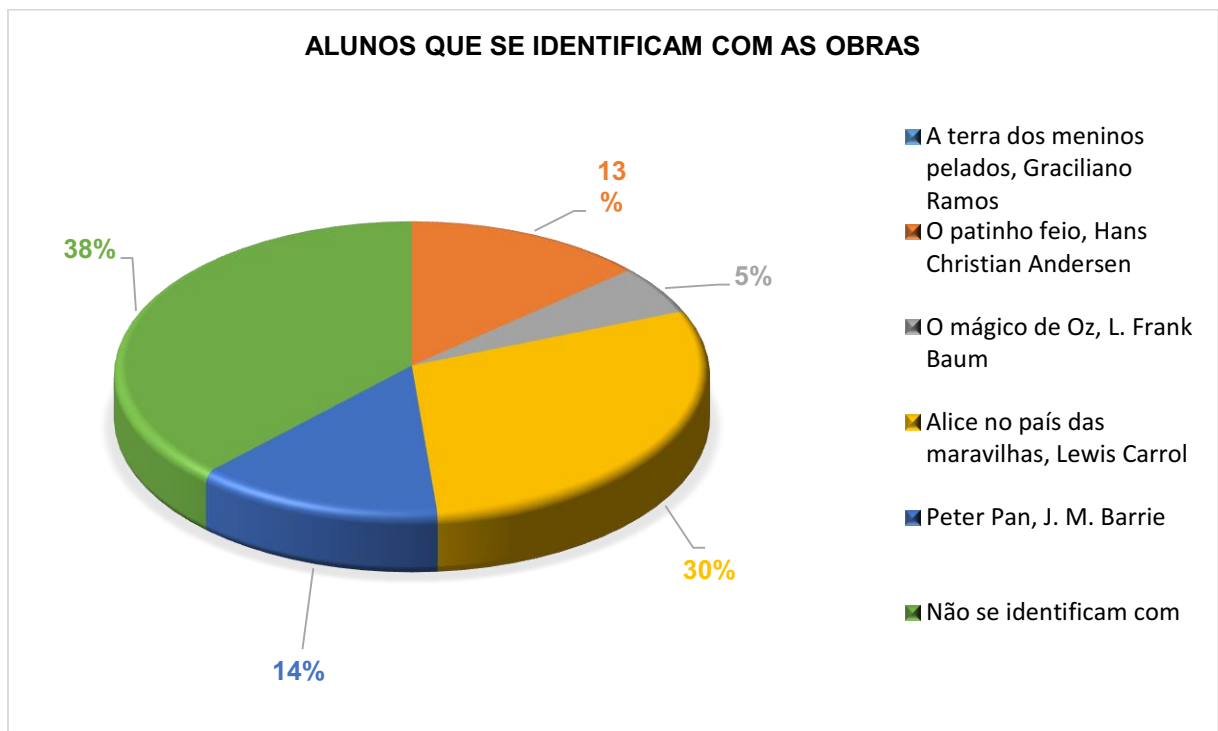


Em relação a optar por obras nacionais ou estrangeiras, não temos uma discrepância muito relevante. Entre os alunos entrevistados, 32% preferem obras estrangeiras, 29% optam por obras nacionais enquanto os outros 29% leem ambas.



Quando questionados a respeito das obras que remetem ao título desse trabalho, dos 37 alunos que responderam, 2 conhecem *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos; 21 conhecem *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen; 16 conhecem *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum; 24 conhecem a *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol e 27 conhecem *Peter Pan*, de J. M. Barrie.

Ao serem indagados com qual obra eles mais se identificavam, obtivemos as seguintes informações: nenhum deles se identifica com a obra de *A terra dos meninos pelados*, 38% não se identificam com nenhuma das histórias. Dos 62% restantes, 30% se identifica com a história de *Alice no país das maravilhas*, 14% com a de *Peter Pan*, 13% com a de *O patinho feio* e apenas 5% com a história de *O mágico de Oz*.



4.7. As oficinas: a relativização da prática

Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II, propõe uma nova articulação entre leitura e literatura, propiciando ao aluno a possibilidade de viajar, ao lado de Dr. Raimundo Pelado, Alice, Peter Pan, Dorothy e do Patinho Feio,

para terras fantásticas e que muito refletem sobre suas vivências de adolescentes muitas vezes rejeitados, incompreendidos e que buscam em mundos imaginários uma forma de enfrentar a realidade.

Os livros não devem ser considerados como “trabalho escolar”, mas como companheiros. Não se deve fazer tentativa alguma para “esgotar” um livro, ao discuti-lo. Os próprios estudantes precisam descobrir o que um livro tem para dizer-lhes a respeito de sua vida, de seus problemas e de suas perguntas. As discussões acerca de livros devem conduzir também ao auto reconhecimento, e o papel do professor aqui não é o de instrutor nem o de examinador, mas o de uma pessoa para a qual os livros são importantes, que não somente quer que os alunos lhe falem sobre suas experiências com livros, mas também relata, de vez em quando, o que os livros lhe deram. (BAMBERGER, 1986, p.70)

Assim sendo, foram desenvolvidas estratégias para socializar a leituras das obras, tanto pelos alunos como pelos professores, que mantivessem aqueles dispostos e estimulados a darem continuidade às leituras.

Mediante dados apresentados nos questionários, procurou-se fugir do estreito espaço da sala de aula, nas rodas de leitura ia-se para a área verde da escola – um espaço na escola ao ar livre em meio a árvores onde se sentiam livres e a vontade para conversar sobre as obras -, para a biblioteca, para o refeitório nos Chás literários para que os momentos acontecessem da maneira mais leve e descontraída possível.

Por vezes, alunos do contra turno, leitores vorazes, juntavam-se para partilhar desses momentos. Alguns estagiários que atuavam em diversas áreas na escola, em suas aulas livres, sempre assistiam às leituras e discussões como ouvintes e admiradores da criatividade dos alunos. Essas atividades aconteciam semanalmente, duas vezes, para ser mais precisa.

A leitura e apresentação de cada obra deveria acontecer no período de um mês. Cada momento reservado à leitura, acompanhamento desta e de discussão da obra, acontecia em uma aula. Para cada aula era preparada uma oficina, ou por mim ou pelos alunos, sob a minha supervisão.

Cada oficina contava com, além do paradidático, outros instrumentos de apoio como:

- ✓ Jogos confeccionados (como os mencionados no tópico 4.2 deste trabalho)

pela professora ou pelos alunos;

- ✓ Aparelho de som;
- ✓ Instrumentos musicais (violão, flauta, teclado);
- ✓ Textos de apoio (crônicas, contos, artigos, notícias que podiam ser, de alguma forma, relacionados com as obras trabalhadas).

Cada oficina de duas aulas (cem minutos) era dividida em momento: um inicial (15 a 25 minutos) que consistia numa conversa informal sobre a leitura da obra que estava sendo trabalhada, as ideias que os alunos tinham para as apresentações ou jogos literários; outro de 25 para a realização da leitura seguido de outros 25 minutos para os comentários e 25 para o jogo literário da vez. Este jogo consistia em uma maneira lúdica e dinâmica, proposta pelos próprios alunos, para averiguar o quanto estavam progredindo na leitura.

Quando existia a participação de algum professor, distribuía-se o tempo de forma diferente. Os minutos iniciais se dedicavam a conversa literária da qual o professor convidado participava, este professor não era propriamente de Língua Portuguesa, já que professores de História, Filosofia, Arte, Formação Cidadã ou até mesmo de Matemática. Este tinha 30 minutos para expor a perspectiva da disciplina da qual era regente, que poderia ser ou não intercalada por questionamentos dos alunos, seguido de 30 minutos para um debate sobre os temas suscitados e finalizando com o jogo literário que, nesses dias, tinha um tempo reduzido para 15 minutos.

Apesar da disposição dos alunos para participarem do projeto e de ter-se adquirido os materiais necessários para fazer com que cada momento acontecesse da melhor forma possível, não significa que o processo tenha sido de todo tranquilo. Inúmeras vezes a realização das oficinas foi proibida em alguns ambientes, porque fazia barulho ou porque aconteceria algo “mais importante no local”. Outras, um equipamento dava defeito ou estava sendo usado por outro professor, outras vezes um aluno responsável por algo faltava e tinha-se que substituir de improviso. Não era sempre perfeito, mas nunca deixava de acontecer e de deixar a todos satisfeitos, com o sentimento de dever cumprido e na expectativa para o próximo momento.

4.8. Observação dos momentos

Como ficou perceptível, não foram impostos aos alunos critérios avaliativos, com o intuito de não tornar os momentos de discussão e socialização da leitura das obras algo artificial, monótono e obrigatório. Os próprios alunos procuravam, de forma independente, maneiras de acompanhar a leitura do grupo e de ao mesmo tempo se auto avaliarem, por mais que a figura do professor estivesse sempre presente, acompanhando de perto e verificando as dificuldades que eles apresentavam nos intervalos ou contra turnos.

A continuidade do projeto mostrou como o incentivo dos colegas, muitas vezes, é mais instigante para os outros alunos que o do professor, ou até mesmo que a necessidade de notas, partilhar as experiências literárias entre eles tornou-se algo comum e espontâneo. Alguns alunos, bem poucos na verdade, que não liam nada, que diziam não gostar de ler, acabaram se envolvendo ao ver o interesse dos demais, passaram a comentar as obras, a participar das leituras orais, a darem opinião sobre as temáticas abordadas, a participarem dos jogos literários, darem ideias para as oficinas.

Pode-se perceber ainda o quão importante é o papel do professor como agente propagador da leitura. O aluno precisa perceber que aquele que lhes conduz ao caminho dos livros seja realmente um conhecedor dessa trajetória. O professor precisa gostar de ler, mostrar seu envolvimento com a leitura e o prazer que sente com esta para que os alunos percebam que está sendo sincero quando diz que a leitura é uma fonte de prazer inesgotável, precisa mostrar que

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (MAIA *apud* SILVA, 1987, p. 45)

É no intuito de promover essa leitura perspicaz entre os alunos que o projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II* busca funcionar como uma porta de comunicação com a literatura, levando-os aqueles a perceberem, naturalmente, que a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, abrangendo-se à própria vida do Ser Humano. Ler é compreender o mundo e compreender-se.

5. O RETORNO DA TERRA DO NUNCA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO APLICÁVEL AO ENSINO FUNDAMENTAL II

Esta proposta didático-pedagógica destina-se aos professores de Língua Portuguesa do 9º do Ensino Fundamental no intuito de subsidiar as práticas de iniciativa da leitura nas séries do fundamental II.

Constitui-se um Caderno de Oficinas contendo atividades semanais de leitura para serem realizadas no período de um ano letivo, com vistas à apresentação e veiculação dessas leituras para outros alunos da escola. As oficinas são organizadas a partir da leitura de cinco obras:

- ✓ *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol;
- ✓ *Peter Pan*, de J.M. Barrie;
- ✓ *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum;
- ✓ *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen e de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos.

O Caderno de Oficinas apresenta um cronograma composto de seis momentos, um para cada obra e um final, cada momento distribuído em momentos menores, as oficinas semanais, distribuídas em duas aulas de 50 minutos cada, que podem ser individuais ou geminadas.

As oficinas foram elaboradas com o objetivo de auxiliar o professor no trabalho de leitura, acompanhamento desta, e apresentação de jogos que podem tornar esses momentos mais atrativos para os alunos leitores e futuros leitores, levando em consideração a rotina do cotidiano escolar. Para tanto, a proposta procura associar ao processo de leitura tanto o cinema quanto a participação efetiva de alunos e professores de diversas áreas, para que, assim, esses possam perceber que a literatura existe em quaisquer manifestações artísticas (cinema, teatro, música, quadrinhos), bem como não se limita ao mundo restrito de professores de Língua.

Desta forma, propõe-se com este Caderno de Oficinas, uma reelaboração das práticas docentes no que se refere ao trabalho com a leitura, bem como contribuir para tornar os alunos leitores-protagonistas. Pretende-se, assim, compartilhar com vocês, professores e alunos, não só a paixão pela leitura, mas o

sonho de tornar o espaço escolar um lugar em que esta não seja um ato obrigatório, passível de redução de nota se não realizada, mas um ambiente em que ela seja um elemento essencial ao indivíduo. Que a leitura se dê de forma natural e prazerosa e que os que dela desfrutem possam tornar-se seus fiéis propagadores.

Anseia-se que esta proposta de atividades seja para você, professor, mais um instrumento transformador de sua prática pedagógica.

Com respeito e admiração,

Erdenia Alves Santos

5.1. Alice no MEU país das maravilhas – 1º BIMESTRE

AULA 01: Exibição da animação da Disney – *Alice no país das maravilhas*.

✓ É interessante neste primeiro momento o professor fazer uma breve propaganda da história, dar detalhes que instiguem os alunos a quererem conhecê-la melhor. Fica a critério do professor fazer isso por meio de informações do enredo ou caracterizações de personagens mais marcantes e de maior importância na obra, como o Chapeleiro Maluco por exemplo.

✓ Outra dica é soltar pistas relacionadas à obra antes da abordagem da mesma. Poderia ser um anúncio de vendas de terras no País das Maravilhas, vendas de produtos específicos do livro ou de PROCURA-SE da Alice.

AULA 02: Apresentação aprofundada da obra feita pelo(a) professor(a).

✓ Nesta apresentação o professor deve chamar atenção para os detalhes da obra que possam passar despercebidos pelos alunos. O ideal é instigá-los a descobrirem através de perguntas direcionadas.

AULA 03: Organização do cronograma de leitura.

✓ Nesse momento o primeiro grupo de alunos já deve ter a obra em mãos para dar início à leitura domiciliar. As datas para rodízio do material (que, na falta do livro, pode ser impresso / xerocado na própria escola) devem ser respeitadas para que nem um aluno fique para trás na leitura.

AULA 04: Leitura em grupo dos três primeiros capítulos da obra (um para cada grupo) e socialização com a turma. Em seguida, cada grupo lê os três capítulos completos.

✓ Aqui os meninos vão apresentar suas primeiras impressões sobre a obra. Na primeira etapa da leitura vão brincar de quebra-cabeças, cada equipe dando informações que juntas apontem para que caminho nos leva o enredo. Na segunda rodada da leitura, em que as equipes realizarão a leitura total dos três capítulos, eles vão socializar e (des)construir o que apontou o quebra-cabeças da leitura fragmentada.

AULA 05: Leitura oral, dos capítulos de quatro a seis, iniciada pelo(a) professor(a) e continuada pelos alunos, intercalada por comentários.

✓ O professor aqui pode trabalhar a caracterização dos personagens que até então apareceram e são de extrema importância para a análise e compreensão da obra.

AULA 06: Participação especial de um(a) professor(a) de Matemática – (Outras versões de Alice como *Alice no país dos enigmas* podem proporcionar um momento de contação de histórias envolvendo tantas outras obras que dialogam com o livro em questão).

✓ Se possível, é interessante convidar um professor de matemática para explicar os jogos matemáticos que aparecem em *Alice no país das Maravilhas*. É ideal que o professor convidado tenha lido a obra para explicá-los de forma contextualizadas.

AULA 07: Jogo da memória literário, promovido pelo professor(a).

✓ O professor pode criar um jogo da memória trazendo de um lado ações do enredo e do outro os personagens ou ambientes a essas ações relacionadas.

AULA 08: Participação especial dos(as) professores(as) de Língua Portuguesa - As alegorias literárias em Alice.

✓ Esse momento é essencial para sanar as dúvidas sobre a obra, pode ser realizado pelo próprio professor ou por um grupo de professores para que os alunos percebam que não os esclarecimentos não fazem parte de um olhar particular do professor deles, mas algo construído nas entrelinhas do texto e que é (não) dito de forma diferente.

AULA 09: Leitura interpretada dos capítulos sete, oito e nove (Participação de 5 alunos).

✓ O professor pode convidar os alunos mais adiantados na leitura da obra para fazerem, antes da realização da leitura dos capítulos que serão lidos pela turma,

uma encenação do fragmento para a turma.

AULA 10: Jogo literário – Hora do Chá.

✓ Com base na hora do chá do Chapeleiro Maluco pode ser organizada uma mesa de chá. Os alunos devem ser divididos em cinco grupos, cada grupo deve participar da Hora do Chá. Ao sentarem à mesa, devem começar a comer e a dar informações sobre a obra, alguém de fora do grupo vai dizendo “Hora do Chá” de forma aleatória, os alunos que estão em volta da mesa vão trocando de lugar e adicionando informações aquelas que foram ditas pelo colega que ocupava o lugar anteriormente ocupado.

AULA 11: Participação especial do professor de Filosofia - O simbolismo filosófico em Alice.

✓ Essas participações devem ser planejadas. O convite deve ser realizado previamente para que o professor tenha disponibilidade de ler a obra.

AULA 12: Leitura dos capítulos finais realizada em sala seguida de comentários.

✓ Neste momento cabe a análise interpretativa da obra para que não fiquem dúvidas sobre o enredo, por vezes complexo, e cheio de jogos linguísticos.

AULA 13: Inspeção literária promovida pelos alunos.

✓ Este é um momento de descontração que deve ser promovido pelos alunos, mas com acompanhamento do professor. Alguns alunos(detetives) vão investigar como está a compreensão da obra por parte dos alunos através de joguinhos literários criados por eles.

AULA 14: Participação especial do professor de Matemática - O simbolismo numérico em Alice.

✓ Após a conclusão e análise da leitura da obra cabe mais uma vez a participação desse profissional já que um o encerramento integral da obra pode tornar mais compreensível o simbolismo numérico de *Alice*.

AULA 15: Encerramento da leitura – Parte I - Esclarecimentos finais

- ✓ Socialização e organização da apresentação no pátio
- ✓ Esse momento acontece em um piquenique literário após a exibição do Cine Literatura: *Alice no país das maravilhas*.
- ✓ É essencial que os alunos sejam os protagonistas do momento, cabendo a eles as decisões de como será dado o encerramento e apresentação do livro para a escola.

AULA 16: Encerramento da leitura – Parte II - Esclarecimentos finais

- ✓ Socialização e organização da apresentação no pátio
- ✓ Esse momento acontece em um piquenique literário após a exibição do Cine Literatura: *Alice no país das maravilhas*.
- ✓ É essencial que os alunos sejam os protagonistas do momento, cabendo a eles as decisões de como será dado o encerramento e apresentação do livro para a escola.

ENCERRAMENTO: Apresentação da obra para os alunos de outras séries da escola.

OBS.: Os alunos produziram um filme mudo, o que não significa que não possa ser feita de outra forma, teatro, HQ's ou o que eles decidirem.

5.2. Peter Pan: um mundo de meninos perdidos – 2º BIMESTRE

AULA 01: Leitura de notícias sobre crianças abandonadas / Exibição de reportagens sobre infância interrompida.

- ✓ É interessante trazer e contextualizar um pouco da realidade refletida metaforicamente na obra para que seja observado o quanto as vivências do mundo real podem estar presentes de diferentes formas nos textos lidos.

AULA 02: Apresentação da obra feita pelo(a) professor(a).

- ✓ Esta apresentação fica a critério do professor. Aqui fizemos através de anúncios de meninos perdidos, contextualizando obra e realidade.

AULA 03: Organização do cronograma de leitura (Nesse momento o primeiro grupo de alunos já tem a obra em mãos para dar início à leitura domiciliar).

- ✓ Este livro é um pouco extenso o que impossibilita a leitura total em sala. A leitura de alguns capítulos deve ser realizada em casa. Nesta aula deve ser lido o primeiro capítulo para abertura da leitura da obra. Para casa vai a leitura do segundo capítulo.

AULA 04: Dia de Wendy (Uma aluna – de preferência que mantenha a leitura a frente da dos colegas - narra o enredo dos capítulos três, quatro e cinco).

- ✓ Wendy deve estar caracterizada, assim como a sala, para que os alunos se sintam dentro do livro quando os meninos perdidos escutam Wendy contando

histórias. Os mesmos capítulos apresentados em sala devem ser mandados como leitura de casa para que eles possam ter contato com os detalhes que, muitas vezes, não são apresentados na contação.

AULA 05: Leitura oral iniciada pelo(a) professor(a) e continuada pelos alunos, intercalada por comentários. Capítulos seis, sete e oito.

✓ Neste momento é interessante o professor já ir abordando algumas das metáforas presentes nos capítulos lidos até então. Fazer a contextualização com o que foi apresentado na primeira aula e traçar um paralelo entre obra e realidade. Como tarefa deve ser realizada, em casa, a leitura dos capítulos nove, dez e onze.

AULA 06: Peter Pan também conta histórias (Um aluno - de preferência que mantenha a leitura a frente da dos colegas - faz a contação do enredo dos capítulos mandados para leitura de casa e dos capítulos doze, treze e quatorze).

✓ Mais uma vez é importante caracterizar o personagem e o ambiente para tornar o mais real possível essa experiência literária. É importante já nessa aula mandar para casa a leitura dos três últimos capítulos para que seja dada continuidade nas próximas etapas.

AULA 07: Jogo do Dominó literário promovido pelo(a) professor(a).

✓ O dominó deve ser feito e reproduzido para que os alunos joguem em pequenos grupos. Nas peças devem aparecer informações sobre personagens, ações e caracterizações de personagens e ambientes para serem interligados para, montado, contar um breve resumo do enredo.

AULA 08: Participação especial dos(as) professores(as) de Língua Portuguesa - As alegorias literárias em *Peter Pan*.

✓ São muitas alegorias em *Peter Pan*, estas podem ser apresentadas em uma mesa-redonda entre alguns professores de português.

AULA 09: Radionovela - Organização (Um grupo de oito alunos deve reproduzir um resumo do livro).

✓ Esta etapa deve ser produzida pelos próprios alunos que podem ser voluntários ou escolhidos por sorteio para organizarem este momento. Aqui foi sugerida uma radionovela, mas fica a critério dos alunos e do professor como eles pretendem realizar essa apresentação.

AULA 10: Radionovela - Apresentação

AULA 11: Participação especial do professor de Sociologia – O simbolismo da

caracterização social dos personagens em *Peter Pan*.

✓ Estes momentos que contam com a participação de professores de outras disciplinas são riquíssimos, pois ajuda a quebrar a ideia de que a leitura é algo preso ao universo de Língua Portuguesa. Quanto mais professores de áreas diferentes se envolverem com o projeto, melhor.

AULA 12: Show do Nunca – Produção das paródias

✓ Os alunos devem ser divididos em duplas ou trios, dependendo do número de alunos na sala, e vão receber através de sorteio o título de um capítulo do livro para que produzam uma paródia sobre o capítulo. Esse momento pode contar com o apoio e a participação do professor de Artes.

AULA 13: Show do Nunca – Apresentação das paródias

AULA 14: Encerramento da leitura, socialização e organização da apresentação no pátio - Parte I

✓ Esse momento acontece em um piquenique literário após a exibição do Cine Literatura: Peter Pan.

AULA 15: Encerramento da leitura, socialização e organização da apresentação no pátio – Parte II

✓ Esse momento acontece em um piquenique literário após a exibição do Cine Literatura: Peter Pan.

ENCERRAMENTO: Apresentação da obra para os alunos de outras séries da escola.

OBS.: Os alunos produziram um teatro de sombras, o que não significa que não possa ser feita de outra forma.

5.3. O mágico de Oz: seguindo o caminho de tijolos amarelos

AULA 01: Entregar uma folha com um caminho impresso e, após o caminho, um espaço em branco. Pedir que os alunos pintem o caminho de amarelo e que desenhem o lugar em que esse caminho vai dar.

✓ É interessante que os alunos façam uma breve apresentação do local desenhado.

AULA 02: Apresentação da obra feita pelo(a) professor(a).

✓ Com base nos desenhos dos alunos, apresentar Oz, o lugar depois da estrada de tijolos amarelos e os personagens que por ela atravessaram. Organização do cronograma de leitura (Nesse momento o primeiro grupo de alunos já tem a obra em mãos para dar início à leitura domiciliar).

AULA 03: Realizar a leitura do primeiro e segundo capítulo e mandar para casa a leitura dos capítulos três, quatro, cinco e seis.

AULA 04: Apresentação encenada e caracterizada dos personagens principais.

✓ Escolher quatro alunos para encenar os personagens: Dorothy, o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde. Apresentar os personagens principais aos alunos, esclarecendo suas caracterizações e o porquê delas.

AULA 05: Leitura oral iniciada pelo(a) professor(a) e continuada pelos alunos, intercalada por comentários dos capítulos sete ao dez.

✓ Preparar os meninos para entrar em Oz. Pedir que os alunos, em grupos de cinco ou seis, confeccionem em forma de mosaico como eles acreditam que é a cidade de Oz.

AULA 06: (Re)descobrimo a obra. Leitura dos capítulos onze, doze, treze e quatorze.

✓ Aqui pode ser trabalhada a intertextualidade com a música *Além do arco-íris* com além da estrada de tijolos amarelos.

AULA 07: Participação especial dos(as) professores(as) de Língua Portuguesa - As alegorias literárias em *O mágico de Oz*.

✓ Enfatizar a caracterização dos personagens e dos ambientes.

AULA 08: De frente com a Bruxa Má.

✓ Uma aluna deve ser convidada previamente para se caracterizar de Bruxa Má. Este momento deve ser um momento espontâneo de depoimento e entrevista para que a personagem relate sua versão da história.

✓ Aqui podem ser caracterizados também os Macacos Alados e tornar o momento propício para encantar os leitores por todos os personagens da história.

✓ Como tarefa de casa pedir que os alunos desenhem como eles acreditam que seja o Grande Oz e tragam na próxima aula.

AULA 09: Leitura dos capítulos quinze ao vinte. Participação especial do professor de Filosofia - O simbolismo filosófico em *O mágico de Oz*.

✓ Nesse momento é importante dar ênfase ao próprio personagem Oz e as

semelhanças do personagem com cada um de nós.

AULA 10: Leitura comentada dos capítulos finais. Confeção do quebra-cabeças literário.

✓ Os alunos devem ser organizados em grupos para confeccionarem quebra-cabeças sobre a história. O jogo deve ser em forma de HQ para estimular a criatividade dos alunos. Sempre que possível, solicite a participação e apoio de um professor de Artes.

AULA 11: Dia de jogar os quebra-cabeças.

✓ O momento deve ser disponibilizado para que as equipes possam jogar os quebra-cabeças dos colegas e comentarem as informações contidas em cada jogo.

AULA 12: Jogo do Cara a cara promovida pelos alunos.

✓ Os alunos dão pistas sobre a caracterização dos personagens (principalmente psicológica) para que os colegas descubram quem é.

AULA 13: Participação especial dos alunos outra série (**1º ano EM**) – Análise Filosófica de *O mágico de Oz*.

✓ Propor uma mesa-redonda formada pelos próprios alunos para que eles possam adquirir experiências do universo acadêmico diferentes.

AULA 14: Participação especial dos alunos outra série (**2º ano EM**) – Análise Filosófica de *O mágico de Oz*.

✓ Propor uma mesa-redonda formada pelos próprios alunos para que eles possam adquirir experiências do universo acadêmico diferentes.

AULA 15: Encerramento da leitura, socialização e organização da apresentação no pátio – Parte I

✓ Esse momento acontece em um piquenique literário após a exibição do Cine Literatura: *O mágico de Oz*.

AULA 16: Continuação: Encerramento da leitura, socialização e organização da apresentação no pátio – Parte II

✓ Esse momento acontece em um piquenique literário após a exibição do Cine Literatura: *O mágico de Oz*.

ENCERRAMENTO I: Apresentação da obra para os alunos de outras séries da escola.

OBS.: Os alunos produziram um Museu vivo, o que não significa que não possa

ser feita de outra forma.

ENCERRAMENTO II: Apresentação da obra para os alunos de outras séries da escola.

OBS.: Os alunos produziram um musical, o que não significa que não possa ser feita de outra forma.

5.4. A terra dos meninos pelados: voltando de Tatipirun

AULA 01: Exibição de fragmentos da série *A terra dos meninos pelados*, veiculada pela Rede Globo.

- ✓ Apresentação da obra feita pelo(a) professor(a).

AULA 02: Organização do cronograma de leitura (Nesse momento o primeiro grupo de alunos já tem a obra em mãos para dar início à leitura domiciliar).

- ✓ Realizar a leitura dos cinco primeiros capítulos da obra. Comentário sobre a caracterização do personagem principal bem como do lugar de onde saiu e do lugar para onde foi.

AULA 03: Alice, Peter Pan e Dorothy entram em cena à procura de seus lugares (País das maravilhas, Terra do Nunca e Oz), mas se perdem e acabam chegando em Tatipirun.

- ✓ Aqui pode ser realizada uma breve encenação por alguns alunos com o direcionamento do(a) professor(a).

AULA 04: Utilizar essa aula para traçar um paralelo entre os quatro personagens. O que Alice, Peter, Dorothy e Raimundo têm em comum?

- ✓ É interessante, neste momento, ir familiarizando os alunos com os personagens para que possam destacar as semelhanças entre a caracterização dos mesmos bem como consigo mesmos.

AULA 05: Leitura oral dos capítulos de seis a dez, iniciada pelo(a) professor(a) e continuada pelos alunos, intercalada por comentários.

AULA 06: Participação especial dos(as) professor(as) de Língua Portuguesa – A intertextualidade entre a obra *A terra dos meninos pelados*, *Alice no país das maravilhas*, *O mágico de Oz* e *Peter Pan*.

- ✓ Dar ênfase aqui para os fatos que ligam as obras, relembrar as semelhanças já mencionadas sobre os personagens mencionados na aula 4.

AULA 07: Leitura dos capítulos de onze a dezesseis.

✓ Apresentar aqui os diversos tipos de contexto apresentados na obra, o literário, o histórico, o político, o social. Tentar mostrar para os alunos como uma história aparentemente simples pode trazer informações tão importantes retratando nossa realidade.

AULA 08: Leitura dos capítulos finais da obra. Jogo da Cruzadinha literária promovido pelo(a) professor(a).

✓ O professor deve levar no dia do encerramento da leitura da obra uma cruzadinha que deve ser respondida com informações presentes no enredo.

AULA 09: Participação especial dos professores de História, Sociologia e Filosofia – As várias histórias que a obra conta.

AULA 10: Inspeção literária promovida pelos alunos, que devem promover jogos literários que ajudem a refrescar a memória com relação às histórias lidas.

AULA 11: Encerramento da leitura, socialização e organização da apresentação no pátio – Parte I

✓ Esse momento acontece em um banquete literário após a exibição do Encenação do encontro entre os personagens das obras em estudo.

AULA 12: Encerramento da leitura, socialização e organização da apresentação no pátio Parte II

✓ Esse momento acontece em um banquete literário após a exibição do Encenação do encontro entre os personagens das obras em estudo.

AULA 13: Depoimentos dos alunos sobre as obras e nossa trajetória literária.

✓ Esse depoimento consiste nos alunos falarem em como se veem refletidos nos personagens das obras, o quanto se identificam e como agiriam no lugar deles.

ENCERRAMENTO: Apresentação da obra para os alunos de outras séries da escola.

OBS.: Os alunos produziram uma radionovela, o que não significa que não possa ser feita de outra forma.

5.5. O patinho feio: Espelho, Espelho meu, quem sou eu?

AULA 01: Exibição da animação da Disney – *O patinho feio*, seguida de discussão sobre o vídeo.

AULA 02: Leitura do conto *O patinho feio*, seguida de debate.

PONTOS QUE PODEM SER ABORDADOS NA DISCUSSÃO

- ✓ O papel da família na construção da autoestima do indivíduo
- ✓ A importância dos amigos
- ✓ Fuga (da realidade, da vida)
- ✓ O medo do desconhecido
- ✓ A relativização da beleza
- ✓ O apoio

AULA 03: Discussão sobre beleza, os padrões impostos pela sociedade, e como a mídia contribui para o fortalecer a ideia de que existe um ideal de beleza.

AULA 04: Discussão sobre beleza, os padrões impostos pela sociedade, e as consequências dessa procura excessiva para algumas pessoas.

AULA 05: O preço da beleza (Reportagens e depoimentos de pessoas que, na tentativa de chegarem a um padrão de beleza, acabaram tendo sua saúde prejudicada) e discussão;

AULA 06: Relação de *O patinho feio* com os personagens das obras lidas anteriormente.

ENCERRAMENTO: Mesa redonda com psicólogo, professores e alunos convidados e pessoas vítimas desse discurso da beleza.

5.6. Contando Estórias e transformando Histórias

Ressaltamos aqui a importância da leitura na formação do indivíduo e o papel do professor na formação de alunos leitores. Nesse contexto, é importante perceber que a sala de aula passa a ser a variedade de sujeitos, de objetos de leitura e de práticas sociais. Por isso, conhecer o gosto literário dos alunos também é essencial para desenvolvermos um trabalho que obtenha bons resultados.

Um dos resultados mais importantes do projeto foi observar os alunos protagonizando os eventos. Tendo a iniciativa de produzir seus próprios grupos e projetos de leitura, de forma totalmente autônoma. Os alunos, após participarem do projeto *Raimundo feio na mágica e maravilhosa terra do nunca: uma proposta de*

mediação da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II:

- ✓ Formaram grupos autônomos de leitura e de contação de histórias para os alunos novatos;
- ✓ Apresentaram projetos relacionados à leitura na Feira de Ciências, Tecnologia e Artes da escola;
- ✓ Criaram seus próprios projetos para levar a literatura/leitura a orfanatos, hospital de crianças com câncer e asilos;
- ✓ Junto com o Grêmio Estudantil da escola promoveram gincanas literárias com o intuito de promover a leitura e arrecadar livros;
- ✓ Organizaram uma biblioteca móvel.

Enfatizamos, também, como o aspecto humanizador da literatura transmudou a personalidade dos alunos que participaram do trabalho acima apresentado, evidenciando como a literatura deve estar presente efetivamente no contexto escolar, pois possibilita uma melhor percepção da realidade, criando oportunidades de transformação social.

Espera-se que o mesmo aconteça com vossos alunos, caros professores que, porventura, venham a desenvolver esse projeto em suas aulas de Língua Portuguesa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos neste trabalho a importância da leitura na formação do indivíduo e o papel do professor na formação de alunos leitores. Nesse contexto, é importante perceber que a sala de aula passa a ser a variedade de sujeitos, de objetos de leitura, de práticas sociais e de gostos literários variados.

Destacamos também a função humanizadora que tem a literatura, por isso, entendemos que ela deve estar presente efetivamente no contexto escolar, posto que contribui para o aluno construir a sua própria humanidade.

Este trabalho se propôs a investigar a formação do leitor no 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada em Juazeiro do Norte, Ceará, bem como o papel do professor como agente propagador da leitura.

Nesse sentido, avaliou essa experiência de forma positiva, sendo que

- ✓ os alunos, aqueles que já eram leitores esporádicos, tornaram-se mais assíduos;
- ✓ aqueles que não liam nada, ou quase nada, passaram a ler com maior frequência;
- ✓ o número de alunos leitores aumentou consideravelmente;
- ✓ os alunos passaram a interagir mais nas aulas, a comentar as obras e opinar sobre os jogos de leitura e apresentações coletivas;
- ✓ aumentou a participação dos professores nos projetos de leitura;
- ✓ houve melhora perceptível na interação aluno/professor, inclusive entre professores que não participavam dos projetos;
- ✓ os próprios professores formaram clubes literários compostos por professores apenas, mas também existiam aqueles que contavam com a presença de alunos que se tornaram leitores pontuais;
- ✓ os alunos apresentaram maior desenvoltura tanto com relação a criatividade como na forma de expressar-se oralmente;
- ✓ houve ainda melhora significativa nas avaliações interpretativas;
- ✓ pode-se perceber um progresso no que diz respeito ao trabalho multidisciplinar;

✓ quanto a mim, esse trabalho contribuiu de forma relevante para fortalecer minhas convicções acerca da necessidade de trabalhar leitura em sala de aula, pois pude ver na prática seu efeito transformador.

A análise da participação dos alunos nas atividades propostas pode comprovar que pouquíssimos alunos não leem nada, eles possuem uma bagagem até bem relevante no que se refere à leitura. Era necessário descobrir o tipo de obra com a qual eles se identificavam e como fazer com que eles compartilhassem essas experiências em sala.

Após analisados os resultados das enquetes literárias, pode-se perceber que quase 90% dos alunos constituíam-se alunos leitores e que tinham como preferência obras

- ✓ com personagens adolescentes que permeiam as narrativas maravilhosas;
- ✓ personagens que não se enquadravam nos padrões sociais;
- ✓ personagens independentes, com ou sem poderes, que enfrentavam situações adversas até chegarem a um final surpreendente.

Nesse contexto, apresentamos uma proposta de intervenção que se consistiu em uma sugestão de leitura de obras literárias clássicas que comungassem com os anseios literários desses alunos e, com este perfil literário, encontramos *O patinho feio*, *Alice no país das Maravilhas*, *O mágico de Oz*, *Peter Pan* e *A terra dos meninos pelados*. Essas obras foram responsáveis por promover a interação dos alunos com o universo da literatura clássica, ampliando seu conhecimento de mundo e fazendo-os extrapolar as paredes da escola levando a leitura / literatura para outros lugares.

A proposta aqui apresentada consiste em um exemplo prático do trabalho com a leitura literária em sala de aula. E como uma forma de incentivar o ato de ler entre jovens e entre professores, estes que devem ser os primeiros propagadores da leitura.

Esse trabalho possibilitou importantes contribuições para a minha prática docente, pois adotei uma postura mais reflexiva sobre como trabalhar a leitura em sala de aula, de como dar aula de literatura enquanto literatura e não como fragmentos históricos que envolvem momentos literários, da mesma forma que as discussões propostas sobre a formação do leitor no Ensino Fundamental II muito fortaleceram a efetivação do trabalho realizado na escola.

É importante ressaltar que as obras constantes nesse projeto não estavam inclusas no currículo escolar, mas contribuíram em demasia para a leitura das obras canonizadas pela tradição literária e cobradas pelo programa da escola.

Por fim, esperamos ter contribuído com as práticas de ensino de literatura, com a finalidade de ampliá-las e aprimorá-las, buscando realizar uma leitura literária na escola que possibilite a inserção dos alunos no universo da leitura literária.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio**. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática / UNESCO, 1986.

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan**. 2ª ed. – São Paulo: Moderna, 2006.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Trad. Tiago Novaes Lima. São Paulo: Tordesilhas, 2013.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. 3ª ed. – São Paulo: Martin Claret, 2013.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____, Rildo; SOUSA, Renata Junqueira de. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP, 2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2017.

FELDMANN, Maria Graziela. **Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2009.

FRIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. – 51. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. – 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

JOUBE, Vincet. **Por que estudar literatura?** Trad.: Marcos Bagno & Marcos

Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Ana Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis.** – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** – 6. ed. – São Paulo: Ática, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. **A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 137-151, jan./abr. 2017.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações.** – 2. ed. – São Paulo: Atlas, 2000.

MORAIS, José. **A arte de ler.** Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO: **linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília, MEC / Secretaria de Educação Básica, 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** – 3 ed. – Campina Grande: Bagagem, 2007.

PINHEIRO, Hélder & LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas cidades, 2001. (Coleção literatura e ensino)

RAMOS, Graciliano. **A terra dos meninos pelados.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** Trad.: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** – 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. – 5. ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ANEXOS

SONDAGEM LITERÁRIA

1. Você costuma ler? [] Sim [] Não
2. Por qual motivo?
[] Obrigação [] Prazer
[] Aumentar os conhecimentos
3. Onde você costuma ler?
[] Na escola [] Em casa
[] Outros: _____
4. Você tem livros em casa? [] Sim [] Não
5. Número aproximado de volumes? _____
6. Você considera que seu tempo dedicado a leitura é suficiente? [] Sim [] Não
7. Que tipo de obra você costuma ler?
[] Romance [] HQ's [] Contos [] Poesia []
Outros: _____
8. Você costuma ler obras nacionais ou estrangeiras? Por quê?

9. O que você procura de um livro?

10. Você tem um autor favorito? Quem?

11. Que livro você mais gostou de ler? Por quê?

12. Liste nomes de livros que você já leu.

13. Qual das obras literárias abaixo você conhece?
[] A terra dos meninos pelados, Graciliano Ramos
[] O patinho feio, Hans Christian Andersen
[] O mágico de Oz, L. Frank Baum
[] Alice no país das maravilhas, Lewis Carrol
[] Peter Pan, J. M. Barrie
14. O que você sabe a respeito dessas obras?
 - a. A terra dos meninos pelados:

 - b. O patinho feio:

 - c. O mágico de Oz:

 - d. Alice no país das maravilhas:

 - e. Peter Pan:

15. Com qual delas você mais se identifica? Por quê?

SONDAGEM LITERÁRIA

1. Você costuma ler? [] Sim [] Não
2. Por qual motivo?
[] Obrigação [] Prazer
[] Aumentar os conhecimentos
3. Onde você costuma ler?
[] Na escola [] Em casa
[] Outros: _____
4. Você tem livros em casa? [] Sim [] Não
5. Número aproximado de volumes? _____
6. Você considera que seu tempo dedicado a leitura é suficiente? [] Sim [] Não
7. Que tipo de obra você costuma ler?
[] Romance [] HQ's [] Contos [] Poesia []
Outros: _____
8. Você costuma ler obras nacionais ou estrangeiras? Por quê?

9. O que você procura de um livro?

10. Você tem um autor favorito? Quem?

11. Que livro você mais gostou de ler? Por quê?

12. Liste nomes de livros que você já leu.

13. Qual das obras literárias abaixo você conhece?
[] A terra dos meninos pelados, Graciliano Ramos
[] O patinho feio, Hans Christian Andersen
[] O mágico de Oz, L. Frank Baum
[] Alice no país das maravilhas, Lewis Carrol
[] Peter Pan, J. M. Barrie
14. O que você sabe a respeito dessas obras?
 - a. A terra dos meninos pelados:

 - b. O patinho feio:

 - c. O mágico de Oz:

 - d. Alice no país das maravilhas:

 - e. Peter Pan:

15. Com qual delas você mais se identifica? Por quê?















